

Universidade Aberta



UNIVERSIDADE
AbERTA
www.uab.pt

**A CONSTRUÇÃO DA MORALIDADE NO CONTEXTO LITERÁRIO DE CONTOS
TRADICIONAIS SÃO-TOMENSES**

(Estudo sobre a personagem Tartaruga)

Albertino Manuel da Graça Will Pires dos Santos

MESTRADO EM ESTUDOS DE LÍNGUA PORTUGUESA

Dissertação orientada pela Professora Doutora Margarida Santos Alpalhão

Agosto de 2024



CC BY-NC-SA 4.0 TEXTO LEGAL

Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional

Agradecimentos

Em primeiro lugar, agradeço e louvo a Deus pelo dom da vida e saúde, pela força, empenho e determinação na consecução dos sumos objetivos de formação. À Universidade Aberta e a toda a competente e inerente equipa de Profissionais, na pessoa da minha mui digna e incansável Orientadora, a Senhora Professora Doutora Margarida Maria de Jesus Santos Alpalhão, que não poupou esforços e sacrifícios inculcando-me coragem e incentivando-me com a iluminada mestria (não olhando a feriados ou a horários de expediente) para que pudesse chegar à meta ambicionada – deixo expresso o meu sincero e profundo reconhecimento. Aos caríssimos colegas Mestrandos, pela amizade, solidariedade e companheirismo manifestados ao longo destes anos de luta e de grandes descobertas. Ao ilustre escritor, primo e amigo Dr. Albertino Bragança, pelas pertinentes contribuições e depoimentos que permitiram o enriquecimento do trabalho. Ao senhor Augusto Pinto Leite, pelos testemunhos e pelos interessantíssimos contos tradicionais narrados, cuja recolha constituiu uma mais-valia, reforçando o *corpus* da dissertação. Ao senhor Aurélio Leite, pela partilha da sua visão sobre os contos orais em São Tomé e Príncipe contribuindo para um melhor aprofundamento do nosso estudo. Ao senhor Apolinário Quaresma, pela paciência com que nos abordou, descortinando relíquias da nossa tradição. Aos que direta ou indiretamente contribuíram com o seu quinhão para a materialização dos meus desígnios académicos e que porventura não terei mencionado.

À minha querida mãezinha, Maria de Lourdes Will Santos (Zinha), pelas graças da minha vinda ao mundo e pelo fruto da criação e da esmerada educação que fizeram de mim quem hoje sou... Obrigado, mãezinha, pela longa conversa que tivemos, em que me contaste muitíssimas coisas da terra e me narraste um lindo conto tradicional que faz parte deste trabalho e que muito me orgulha...

À querida prima Ester (Francisca Ferreira), nossa segunda mãe.

Aos meus caríssimos manos – companheiros de longa data, aos meus primos, tios e sobrinhos.

A Todos, o meu Muitíssimo Obrigado!

Dedicatória

À memória do meu saudoso Pai, Bebiano Ayres Pires dos Santos, um zeloso intelectual que deixou as pegadas em mim;

À memória do meu saudoso tio, Calisto Will;

À memória da minha saudosa avó Justina Vasconcelos Will;

À memória do meu saudoso avô Manuel do Nascimento Will.

À minha querida e inesquecível Mãezinha, Maria de Lourdes Will Pires dos Santos, que sempre me deu e me tem dado forças para enfrentar os desafios sinuosos da existência...

À minha querida, amada e incansável Esposa, Brigitte Afonso de Almeida Pires dos Santos (Gina) e aos nossos abençoados filhinhos Samuel e Ana Sofia, pela paciência e sacrifício incondicional consentidos poupando-me, muitas vezes em detrimento de si próprios, de modo que pudesse ter tempo disponível para os estudos, com muito amor, compreensão, carinho e ternura... Não sei como agradecer-vos! Sem vocês (este triângulo bendito), o meu Paraíso seria um jardim sem flores...



DECLARAÇÃO DE INTEGRIDADE

STATEMENT OF INTEGRITY

Declaro ter atuado com integridade na elaboração da presente dissertação/tese. Confirmando que em todo o trabalho conducente à sua elaboração não recorri à prática de plágio ou a qualquer outra forma de falsificação de resultados.

Mais declaro que tomei conhecimento integral do Regulamento Disciplinar da Universidade Aberta, publicado no Diário da República, 2.ª série, n.º 215, de 6 de novembro de 2013.

I hereby declare having conducted my thesis with integrity. I confirm that I have not used plagiarism or any form of falsification of results in the process of the thesis elaboration.

I further declare that I have fully acknowledged Disciplinary Regulations of the Universidade Aberta (regulation published in the official journal Diário da República, 2.ª série, N.º 215, de 6 de novembro de 2013).

Universidade Aberta, 04 de julho de 2024

Nome completo/Full name: Albertino Manuel da Graça Will Pires dos Santos

Assinatura/Signature:

Albertino Manuel da Graça Will Pires dos Santos.

manuscrita ou digital / handwritten or digital

Título: A CONSTRUÇÃO DA MORALIDADE NO CONTEXTO LITERÁRIO DE CONTOS TRADICIONAIS SÃO-TOMENSES

Resumo:

O presente trabalho teve o propósito fundamental de, por intermédio do estudo de um corpus restrito de contos tradicionais são-tomenses e uma fábula esópica, e de entrevistas e recolha de narrativas orais e depoimentos junto de personalidades da sociedade são-tomense, avaliar sob o ponto de vista da moralidade o comportamento dos protagonistas da intriga (principalmente a personagem Tartaruga) e encontrar semelhanças e dissemelhanças formulando, a partir de uma reflexão crítica, conclusões consensuais sobre o quão a argúcia e a astúcia, muitas vezes utilizadas pelas personagens, são suscetíveis de engendrar a construção de uma sã moralidade, confrontando o fito de exemplaridade da fábula de Esopo com os desígnios correspondentes no quotidiano dos contos orais são-tomenses, sobretudo a conhecida «sóia». A conclusão obtida foi que, de um modo geral, a Tartaruga simboliza nos contos tradicionais são-tomenses a persistência e a compensação dos fracos diante da supremacia dos poderosos, tal como se revela na fábula esópica. Ainda que nem todas as vezes esta logra conseguir os seus intentos, tal como a dinâmica inconstante da existência humana. Outro aspeto conclusivo é o papel lenitivo e catártico das sóias, típicas das noites do nozadu (velório) em São Tomé e Príncipe e, de resto, o pendor cultural e educativo dos provérbios e sentenças veiculados sobretudo em crioulo forro, e o papel modalizador da língua, forjada em decorrência da miscigenação secular e manejada de forma artística pelos griots ou contadores de histórias - e o fenómeno do despontar da variedade do português de São Tomé e Príncipe.

Palavras-chave: Literatura oral, sóia, tartaruga, moralidade, nozadu, miscigenação.

Title: THE CONSTRUCTION OF MORALITY IN THE LITERARY CONTEXT OF TRADITIONAL SÃO-TOMENSE TALES

Abstract

The fundamental purpose of this project was, through the study of a restricted corpus of traditional São Toméan tales and an Aesopian fable, and through interviews and oral narratives and testimonies from considered people of São Tomé society, to evaluate the behaviour of the protagonists of the plot (mainly the character Turtle) from the point of view of morality, and to find similarities and dissimilarities in their actions. Further formulating consensual conclusions about how the wit and cunning often used by the characters are capable of engendering the construction of a healthy morality, comparing the exemplary purpose of Aesop's fable with the corresponding designs in the daily life of São Tomé oral tales, especially the well-known "sóia". The conclusion reached was that, in general, the Tortoise symbolises in traditional São Tomé tales the persistence and compensation of the weak face to face to supremacy of the powerful, as revealed in the Aesopian fable. Although not always it succeeds in its intentions, as the fickle dynamics of human existence mean. Another conclusive aspect is the soothing and cathartic role of the sóias, typical of the nights of the nozadu (wake) in São Tomé and Príncipe and, moreover, the cultural and educational slant of the proverbs and sentences conveyed mainly in Creole forro, and the modelling role of the language, forged as a result of secular miscegenation and handled in an artistic way by the griots or storytellers - and the phenomenon of the emergence of the Portuguese variety of São Tomé and Príncipe.

Key words: Oral literature, sóia, turtle, morality, nozadu, miscegenation.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	1
Capítulo 1	3
A CONSTRUÇÃO DA MORALIDADE NOS CONTOS TRADICIONAIS SÃO-TOMENSES	3
1. BREVE SÍNTESE COMPARATISTA	3
2. A SÓIA EM SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE	9
3. A LITERATURA TRADICIONAL ORAL TAMBÉM SÃO-TOMENSE	11
4. A REALIZAÇÃO LINGUÍSTICA NO ÂMBITO DOS CONTOS TRADICIONAIS	18
5. ALGUNS VOCÁBULOS E EXPRESSÕES TÍPICAS PRESENTES NOS CONTOS ANALISADOS	21
6. A MORALIDADE: PRIMADO DA ASTÚCIA E PENDOR EDUCATIVO	23
Capítulo 2	25
ESTUDO E RESENHA ANALÍTICA DOS CONTOS	25
1. A TARTARUGA E A LEBRE	25
2. A TARTARUGA MANHOSA	29
3. O TARTARUGA E OS VIZINHOS	31
4. HISTÓRIA DA TARTARUGA	35
5. UM GRÃO DE MILHO É O PREÇO DE UM ESCRAVO	39
6. O TARTARUGA E O REI	46
7. RESUMO DOS TEXTOS ESCOLHIDOS (O <i>CORPUS</i>)	50
CONCLUSÕES	56
BIBLIOGRAFIA	58
ANEXO I – O <i>Corpus</i>	60
a) A tartaruga e a lebre	61
b) A tartaruga manhosa	64
c) O tartaruga e os vizinhos	65
d) História da tartaruga	66
e) Um grão de milho é o preço de um escravo	71
f) O tartaruga e o rei	74

ANEXO II – Outras recolhas	75
a) O pescador, o peixinho e a lagaia	76
b) A carteira desaparecida	77
c) História do rei e do gigante	78
d) As façanhas do Senhor Bêtdô	83
e) A herança do Senhor Milagre	84

INTRODUÇÃO

Os contos tradicionais sobre as tartarugas, em São Tomé e Príncipe, no essencial, não fogem à génese das narrativas que pululam pelo mundo fora, como as chamadas histórias de embalar na tradição cultural portuguesa e na restante lusofonia, fruto de uma longa miscigenação que convocou a simbiose de culturas nas Ilhas do Equador, cujos contornos se tornam bem patentes nos testemunhos de Isabel Castro Henriques (2000).

Predominam entretanto, nessas composições orais, facetas empíricas da vivência social e cultural dos são-tomenses, com toques imbricados do sobrenatural, evidência empírica e pragmática muito comum no panorama cultural africano. Daí que todo o comportamento dos designados «griots», ou contadores de histórias, releve dessa superior imanência, como se pode inferir da leitura de Carlos Espírito Santo (2000).

De acordo com João Peres e Telmo Mória (1995, p.13), a língua, materializando-se em determinados contextos, constitui «um património de valor inestimável, fator de identidade cultural, de preservação e produção de valores que em muito transcendem a mera realidade linguística».

Incidindo num aspeto particular do conto maravilhoso — o referente ao substrato da moralidade (quer na sua vertente fabulística, quer na modalidade do conto propriamente dito) — vimos vincar, neste modesto estudo, como atuam as personagens e heróis desse género literário tradicional na construção desse paradigma em São Tomé e Príncipe, procedendo a uma avaliação comparativa de semelhanças e dissemelhanças patentes num *corpus* restrito de contos orais são-tomenses, confrontando essa análise com um estudo subsidiário de uma fábula clássica de Esopo, na qual a figura da tartaruga, tal como nas composições são-tomenses orais anunciadas, elege um papel aparentemente paritário.

O exercício que nos propusemos neste trabalho assenta na pergunta de partida «Como funcionam, como atuam os agentes representados pelos contadores de

histórias de um modo geral e, em contextos particulares, como é o caso de São Tomé e Príncipe?»

Fomos buscar para o efeito contos tradicionais são-tomenses, publicados em diversas obras, que apresentamos em seguida, e uma fábula clássica de Esopo, não descurando, entretanto, a contribuição de alguns entrevistados de quem colhemos testemunhos, alguns dos quais nos brindaram com recolhas orais de contos que enriqueceram, de certo modo, o nosso estudo.

Procedemos inicialmente à análise concetual da fábula e do conto à luz de elementos do *Catálogo e História Crítica da Fábula na Literatura Portuguesa* (2008) e dos estudos de Vladimir Propp sobre a *Morfologia do Conto* (1995), bem como das considerações de Bruno Bettelheim referentes à temática, expressas na obra do autor intitulada *Psicanálise dos Contos de Fadas* (2018). Seguidamente, percorremos algumas obras da abalizada investigadora Sara Graça da Silva, que, no que toca à questão da moralidade no domínio dos contos da literatura tradicional, especificamente o «estudo evolutivo dos contos populares», acentuou aspetos pertinentes sobre a problemática. Aduzimos de igual modo outras perceções de proeminentes estudiosos, com particular ênfase na literatura tradicional são-tomense e africana. Assim, de acordo com as considerações de Carlos Espírito Santo, na sua obra intitulada *Tipologias do conto maravilhoso africano* (2000), é assente o pendor oral continental dos contos tradicionais são-tomenses, uma visão narratológica sustentada, por outro lado, por Timbal-Duclaux (1997, p.18) ao afirmar, de entre outras definições, que «o conto é uma narrativa de origem popular de transmissão oral». De resto, na análise do conto «O tartaruga e os vizinhos», incluído em Santo (2000, p.181), não se exclui o conceito pragmático de cortesia a que alude Haverkate (1994) que se revela na suposta amizade e solidariedade do astuto Senhor Tartaruga, que no entanto entra em rota de colisão com o declínio da «face» dos vizinhos que se viram injustiçados e manietados. Outro pormenor singular é que, na literatura oral são-tomense, o agente Tartaruga é, curiosamente, um ser imaginário geralmente do sexo masculino que tende, na maior parte das vezes, a ludibriar os reis com subterfúgios, colhendo destes avultadas vantagens.

Capítulo 1
A CONSTRUÇÃO DA MORALIDADE NOS CONTOS TRADICIONAIS
SÃO-TOMENSES

1. BREVE SÍNTESE COMPARATISTA

De acordo com fundamentos éticos e morais, prevalece em toda a humanidade e ao longo das civilizações a ideia de que o ser humano deve fazer o bem e de que a virtude e o mal caminham lado a lado, nos mais variados contextos da-existência humana (Faria, 2018).

Os contos tradicionais, incluindo as fábulas, revelam-nos implicitamente esse dinamismo latente e presente nas ações dos referidos atores e personagens, cujas condutas não são mais do que o reflexo imaginário das atitudes perfilhadas pelos respetivos «antípodas» — os seus entes correspondentes na vida real. Esses procedimentos são suscetíveis de influenciar a sociedade e os costumes, corrigindo hábitos negativos e exaltando a ética e a excelência, no sentido da construção de uma moralidade sã, assente em normas tolerantes e aceitáveis.

Considerando os diferentes contos analisados e tendo em atenção a temática de moralidade que, de um modo geral, cada um deles encerra, é de salientar, em primeiro lugar, que a personagem Tartaruga integra a maior parte das ações neles protagonizadas e desempenha, na maior parte dos casos, o papel do herói da narrativa.

Interessaram-nos estes contos, em especial, por se distinguirem precisamente pelo facto de todos eles contarem com a tartaruga como personagem principal. Constata-se, entretanto, que a nomeação da personagem tartaruga de acordo com os géneros gramaticais, conhece alguma oscilação entre o masculino e o neutro, em detrimento do feminino, facto muito comum no uso linguístico do português em São Tomé e Príncipe, particularmente em São Tomé.

Este facto deve-se provavelmente à influência dos crioulos falados no Arquipélago, em particular do forro ou da língua santome, em que, na maior parte dos casos, é referido o masculino, quer se trate do macho ou da fêmea. Daí que, ao longo da nossa análise, não se verifique uma rigorosa uniformidade em relação a este tratamento.

A tartaruga é frequente nas águas marítimas do arquipélago de São Tomé e Príncipe, importante ponto de desova de várias espécies, e atualmente é considerada património natural das ilhas e, por isso mesmo, um animal muito protegido, quer pela população, quer por equipas especializadas.

No caso da fábula «A tartaruga e a lebre», género clássico atribuído a Esopo (1996), destaca-se a exemplaridade no facto de a Tartaruga, não obstante as suas limitações naturais, ter vencido a lebre, muito mais ligeira do que ela, numa corrida de aposta. Esta exaltação, pelo exemplo, da determinação de perseverança é igualmente notória, e assume os cambiantes mais diversificados nos contos tradicionais de São Tomé e Príncipe, o que denota a universalidade dos dramas existenciais que relevam dos contos e das fábulas, independentemente do referente de localização geográfica e social para que remetem essas mesmas ações e produções.

Com efeito, constata-se no segundo conto do *corpus* considerado, designadamente «A tartaruga manhosa» (*Contos...*, 2014, p. 41) que, diferentemente, a Tartaruga utilizando meios ardilosos logrou convencer o monarca de que as galinhas dele apesar de fartas, andavam famintas e assim pôde receber o «troféu», a mão da princesa, filha do soberano. Mas a moralidade celebrada desta forma no conto já não é fruto da perseverança como na fábula anterior de Esopo, e sim o resultado da argúcia da Tartaruga. Se fosse pelo bem, menos mal seria, mas, na verdade, nem sempre o bem é o fruto da argúcia, quando esta, no mau sentido da palavra, provém do engano. Num mesmo diapasão se situa a postura dolosa e incorreta da personagem Tartaruga, no conto intitulado «O tartaruga e os vizinhos» (Santo, 2000, p. 181) em que o herói só consegue os seus intentos ambiciosos de iludir o monarca, e usurpar metade do palácio, intrujando e violentando os vizinhos. Daí se depreende que não seja

considerada honra e honestidade a ação ou ações ignóbeis desencadadas por interesses assentes na coação e no desrespeito humanos.

Se, no último caso descrito, o Tartaruga colheu indevidamente as benesses de um protagonista vencedor, o mesmo não acontece nas duras provas actanciais sofridas ao longo da intriga do conto «História da tartaruga» (*Contos...*, 1984, pp. 21-34), onde, por ter procedido contra os princípios de boa-fé, maltratando a companheira, as forças do mal acabaram por sancioná-lo até ao suplício da morte. É caso para dizer que, conforme reza a gíria, quem faz o mal, colhe também o mal.

No conto «Um grão de milho é o preço de um escravo» (*Contos...*, 1984, pp. 53-60) vinca-se novamente a malícia afinada da Tartaruga assediando o rei com a afirmação irónica e caricata de que o salvaria da falência de mão-de-obra a troco de um grão de milho. Na verdade, esta aposta hilariante encontrou suporte noutras ações malévolas, desencadadas pela Tartaruga, naturalmente molestando e agredindo moralmente os seus adversários. Para além de essas histórias seculares sobreviverem a gerações, o seu carácter teatralizante tem em São Tomé e Príncipe, além disso, o condão de, através dos contadores das conhecidas «sóias», animar e entusiasmar pessoas entristecidas nas noites de pêsames (nozadu).

Finalmente, no conto «O Tartaruga e o Rei», o último do *corpus* analisado (Anexo I), recolhido no âmbito da consulta a um dos nossos entrevistados, o senhor Augusto Pinto Leite (comunicação pessoal, 26 de maio de 2024), o Tartaruga afirma que venceria o monarca numa corrida. Enquanto o soberano ostentava um carro puxado por fortes cavalos, o Tartaruga combinou com outros tartarugas como ele ordenando-lhes que cada um se posicionasse em cada curva do percurso. O rei ficou admirado e surpreendido no dia da prova pensando que cada animal que via nas sucessivas curvas era o próprio tartaruga, mas o verdadeiro tartaruga estava posicionado perto da meta e acabou vencendo o rei e apoderando-se de toda a sua fortuna. Esta fábula em que intervém um humano (o rei) seguiu configuração idêntica à do conto do *corpus* analisado «O tartaruga e os vizinhos» (Santo, 2000, p.181). Apenas o estratagema utilizado para destronar

o poderoso não implicou o recurso a meios violentos de coação, a sua astúcia pelo contrário contou com uma cooperação solidária entre este e os seus comparsas. Opõe-se a estes dois argumentos, a moralidade eleita pela fábula esópica «A lebre e a tartaruga» (Esopo, 1996) que vinca a exemplaridade da persistência e perseverança. Com efeito, comprova-se pelos feitos heróicos a astúcia pela qual o «irrelevante» tartaruga logra encurralar e neutralizar o monarca, facto que, considerado à luz da moralidade patenteada na aludida fábula esópica, difere, numa primeira abordagem, na circunstância de aptidões naturais da tartaruga em detrimento do desleixo da lebre, e no segundo momento (o do conto presente) num misto ardiloso de astúcia socialmente arquitetada.

Para além do repertório de contos considerado que comporta o nosso *corpus* (Anexo I), juntámos à coleção a importantíssima recolha de três contos orais, narrados pelo nosso entrevistado A. Pinto Leite (comunicação pessoal, 26 de maio de 2024), designadamente «O pescador, o peixinho e a lagaia», «A carteira desaparecida» e «As façanhas do senhor Bêtdô», os quais figuram respetivamente no Anexo II do presente trabalho. Inscrevemos igualmente neste Anexo, o conto «A herança do senhor Milagre» narrado pela nossa entrevistada Maria de Lourdes Will Santos (comunicação pessoal, 26 de maio de 2024), e o conto «História do rei e do gigante» incluído em *Contos Tradicionais Santomenses* (1984, pp.11-20). No caso do conto «As façanhas do senhor Bêtdô», por envolver especificidades atinentes à tradição e à sabedoria popular, inscrevemos algumas ideias importantes no ponto 3 do presente capítulo, intitulado «Literatura tradicional oral também são-tomense». De igual modo, as conclusões decorrentes da síntese analítica do conto «A herança do senhor Milagre», narrado pela entrevistada (M. L. W. Santos, comunicação pessoal, 26 de maio de 2024), abrangendo aspetos da moralidade vinculados à crença popular e ao sobrenatural, foram devidamente contempladas no ponto referido.

A «História do rei e do gigante» (*Contos...*, 1984, pp.11-20) ilustra os feitos de um gigante que, por fazer o bem ao rei curando-lhe a cegueira, é-lhe proposta pelo monarca recompensa em bens e riqueza que o mesmo recusa exigindo do soberano a mão da princesa, sua filha. O monstro leva então consigo a princesa amarrada num saco, pelo caminho esta pede socorro aos três seus irmãos e só

um pôde salvá-la do gigante torturado-o até à morte. Partindo do pressuposto de não haver indícios de que o monstro realmente pudesse vir a fazer mal à infeliz, pode-se deduzir hipoteticamente que a morte do homenzarrão não mereça aprovação moral pelas razões antes mencionadas, o que prova a volubilidade, a inconstância e a «arbitrariedade» expressa na parte introdutória do conto «Um grão de milho é o preço de um escravo» (*Contos...*, 1984, p. 53), sobretudo, da mundividência humana.

Volvendo aos três primeiros contos relatados por um dos nossos entrevistados, o senhor Augusto Pinto Leite (comunicação pessoal, 26 de maio de 2024), começando pelo primeiro, «O pescador, o peixinho e a lagaia»:

Um peixinho, encontrando-se à beira da morte, é salvo por um pescador. Passado muito tempo, o pescador naufraga no alto mar e o peixinho, então adulto, finge salvá-lo; a lagaia, que se encontrava na praia, decobre a artimanha do peixe e livra o pescador do perigo. Por recompensa, o pescador foi comprar galinhas a pedido da lagaia e o lojista exige que seja ela a fazê-lo. Cumprindo a recomendação do vendedor, a lagaia comparece na loja e é morta pelo dono. Neste último caso, o malfeitor peixe não consegue os seus intentos, logo o bem vence o mal. Quanto à lagaia, pelo bem feito encontra a morte, o que à partida nos levaria a pensar numa estranha injustiça, mas considerando os hábitos nocivos da lagaia em assaltar capoeiras alheias, chegamos à conclusão de que indiretamente o castigo visava punir um malfeitor, transparece deste modo o fim moral da história, que ilustra a circunstância de, em variadíssimos casos, o bem ser pago com a ingratidão. Por um lado, o pescador viu-se injustiçado pelo peixe que socorrera no passado. Por sua vez, a lagaia, tendo salvado o marinheiro, encontra a morte, protagonizada não pelo agente pescador, mas quando aquela tentava resgatar os benefícios da recompensa oferecida pelo sinistrado. No entanto, considerando esta última ocorrência, importa aduzir (como foi anteriormente mencionado) o facto de as lagaias, uma espécie local muito parecida com a raposa, ser tradicionalmente condenada pelo hábito natural de se alimentar de galinhas ou animais de capoeira, o que acarreta a já antiga aversão dos criadores a este animal noturno.

No segundo conto, «A carteira desaparecida», um sujeito avarento perde a carteira com dinheiro e documentos. Ao cabo de algum tempo aparece o achador a quem ele prometera recompensa. No momento da gratificação, o homem esconde parte do que devia dar ao achador, o caso vai a tribunal e o juiz descobrindo o instinto maldoso do perdedor penaliza-o dizendo que o bem encontrado passa à posse do achador e que o avarento deveria esperar pelo próximo achador. Deste modo, a astúcia do perdedor não encontrou compensação, mas punição, salvaguardando-se a finalidade moralizadora da história que reside no facto de que geralmente quem tudo quer, tudo perde. Diante da ambição e da avareza, o dono dos bens acabou por perder os seus próprios haveres.

Perante as situações evocadas pelos três contos considerados, pode extrair-se, de um modo geral, a seguinte lição moral:

No primeiro caso, prevalece o bem, na medida em que as más ações antigas da lagaa confluiram hipoteticamente na sua morte, o que nos leva a supor que não basta termos boas intenções, devemos antes aprimorar o nosso carácter, evitando atos que degradem a nossa imagem aos olhos da sociedade.

O mesmo se passou com o sujeito avarento, não basta que ele prove ser o proprietário do bem perdido, faltou-lhe a integridade de carácter e este facto contribuiu para que ele perdesse a honra e confiança do juiz e, conseqüentemente, a totalidade dos seus haveres.

No exemplo da aposta feita pelo Tartaruga ao Rei, vence o poder da astúcia sobre a lealdade. Apesar de o rei ser enganado, no «bom» sentido da palavra, pode-se inferir da argúcia do protagonista e dos seus coadjuvantes um bom motivo para não praticar o mal, neste caso arquitetado por estes. Alargando esta visão aos demais contos avaliados no contexto geral do nosso estudo, importa sublinhar que boa parte dos mesmos evidencia o porte malicioso como porta de entrada para o alcance de vantagens, quer morais, quer materiais, mas, tendo em conta que a finalidade suprema do conto é edificar, corrigir e educar, pelo exemplo, mentes e pessoas, resta-nos apenas colher deles os subsídios morais que mais importam, rejeitando o mal e as suas facetas perniciosas.

2. A SÓIA EM SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE

No variadíssimo contexto dos contos tradicionais de São Tomé e Príncipe, a sóia, género que se destaca pela oralidade e sobretudo pela associação com aspetos do fantástico, é uma narrativa muito presente e contada especificamente durante os serões fúnebres do nozadu, ou noite de vigília.

Privando com o conhecido escritor e prosador são-tomense Albertino Bragança, este deu-nos a conhecer aspetos relacionados com os contos tradicionais em São Tomé e Príncipe, principalmente no que respeita ao rito das sóias (A. Bragança, comunicação pessoal, 26 de maio de 2024).

A esse respeito, falou acerca do ambiente dos nozadus, os habituais nojos ou velórios que antecedem a missa do sétimo dia após o falecimento do defunto. Mencionou ainda que, na referida noite de pêsames, havia um espaço destinado à tradicional bisca 61 (jogo de cartas típico das ilhas), realizado pelos homens, que animavam o ambiente soturno com o burburinho das suas conversas, e outro, reservado aos contadores de histórias, do qual se destacava um narrador que entretinha os circunstantes (essencialmente mulheres) e que, por se tratar de algo que ocorria pela noite dentro, não era atividade propícia à participação de crianças.

Revelou, por outro lado, que nas histórias fantásticas contadas, o tartaruga encarnava geralmente o simbolismo segundo o qual o fraco pode vencer o poderoso, como bem o atestam passagens do seu conto denominado “Solidão”, incluído em Bragança (1997), em que Mento Muala, o protagonista, a dada altura se exhibe como um extraordinário narrador de histórias, representando alegoricamente essa autoridade tradicional.

Auscultámos igualmente o cidadão são-tomense Aurélio Leite, funcionário do setor de desportos, a propósito da tradição dos contos, sobretudo das sóias.

Considerou o nosso interlocutor, que no decorrer da narração de histórias era chamada uma pessoa idónea a quem se reservava a iniciativa de conduzir o

ritual. Disse ainda que havia pessoas que participavam como ouvintes nessas sessões, atraídas essencialmente pelo talento prodigioso, artístico e teatralizante prodigalizado pelos habituais narradores de sóias, as quais incluíam geralmente a entoação de canções, intercaladas no enredo. Contou, por outro lado, que essas sessões de conto eram habitualmente demoradas e se prolongavam pela noite dentro (A. Leite, comunicação pessoal, 26 de maio de 2024).

Igualmente convocámos para a nossa auscultação o cidadão são-tomense de nome Apolinário Quaresma, escriturário, que, aludindo às sóias, destacou o papel preponderante que, em tempos, teve o autor e compositor tradicional Faxiku Bêbêzawa, vulto incontornável da cultura tradicional são-tomense, que produzira um livro que continha interessantíssimas histórias tradicionais, escritas na língua santome, ou crioulo forro, com as quais o nosso entrevistado confessa ter-se familiarizado. (A. Quaresma, comunicação pessoal, 26 de maio de 2024).

Ainda nesta perspetiva, consultámos o cidadão são-tomense Augusto Pinto Leite, funcionário do setor educativo, que, para além das elucidações, nos narrou alguns contos tradicionais, um dos quais integra o *corpus* anunciado, constituindo o repertório um complemento e suporte valioso do nosso estudo. (A. P. Leite, comunicação pessoal, 26 de maio de 2024).

Finalmente, aproveitámos a oportunidade para colher as importantíssimas contribuições de Maria de Lourdes Will Santos, profunda conhecedora de contos orais são-tomenses, tanto no domínio da língua portuguesa como em crioulo forro, que nos contou ter tido contato com essas histórias não no contexto dos nozadus propriamente ditos, mas sobretudo com um dos tios, que lhes relatava, a ela e aos irmãos, nos momentos de recreação, interessantíssimas narrativas tradicionais, como é o caso do conto «A herança do senhor Milagre», que nos narrou, incluído no anexo II do nosso estudo (M. L. W. Santos, comunicação pessoal, 26 de maio de 2024), estando as demais considerações sobre a moralidade a ele subjacente espelhadas, de acordo com a sua especificidade, no ponto 3 deste capítulo, intitulado «A Literatura tradicional oral também são-tomense».

A sóia, um dos traços identitários dos contos orais e do povo de São Tomé e Príncipe, constitui um património cultural e tradicional que, atravessando sucessivas gerações, ainda se mantém presente e cumpre, nos nossos dias, o seu papel lenitivo e moralizador, nas noites de velório (o nozadu) no Arquipélago. De acordo com os testemunhos colhidos, na nossa opinião, estas narrativas servem para distrair quem participa no nozadu e alguma situação mais cómica serve para mitigar a dor da despedida do ente querido.

3. A LITERATURA TRADICIONAL ORAL TAMBÉM SÃO-TOMENSE

Ao falarmos da literatura tradicional oral de São Tomé e Príncipe, somos forçados a abordar um conceito cujas raízes remontam à Antiguidade. Com efeito, já nas civilizações greco-latina a questão da oralidade era prática assente e o papel moralizador da literatura assumia particular evidência, conforme podemos comprovar a partir da leitura de Aguiar e Silva (1999, pp. 528-529) em que se abordam os desígnios, sobretudo morais e pedagógicos, das fábulas de La Fontaine, subsidiárias das já clássicas composições fabulísticas do precursor Esopo, designadamente a fábula «A Lebre e a tartaruga».

Estas considerações sobre a literatura tradicional oral acompanharam efetivamente a evolução dos povos, de um modo geral, e atraíram a atenção dos estudiosos, que se dedicaram não raro ao estudo e sistematização dos saberes, emoções, tradição e cultura transmitidos e preservados ao longo de gerações, em todo o mundo. Uma constatação que se torna evidente nas reflexões de Carlos Espírito Santo (2000, p. 23), que reporta o seguinte: «Desde o século passado que o problema das origens dos contos tem merecido grande atenção dos investigadores, ao procurarem justificar a existência de narrativas semelhantes em diversos pontos do globo». Na perspetiva de Propp (1995, p. 12) «de facto, não existe uma divisão nítida dos contos em tipos e ela, com frequência, é puramente fictícia»

Na verdade, o universo da tradição oral é diverso e muitos povos, para além do circuito oral, fazem recurso à produção escrita que coabita com a oralidade resultando em expressões culturais dos mais variados cambiantes. Assim, conferindo Bruno Bettelheim (2018), os contos de fadas, por exemplo, explicitam, nos atos e atitudes das personagens envolvidas, o substrato do qual inconscientemente as crianças se apropriam construindo a sua personalidade, revelando-se e interagindo com o mundo e as suas realidades.

Centralizando novamente o nosso olhar em torno das fábulas, uma manifestação já antiga de tradições orais que se projeta até aos nossos dias, deve evidenciar-se, por outro lado, o facto de muita da produção fabulística do acervo oral, e não só, de São Tomé e Príncipe comportar componentes socio-históricas que advêm da cultura e dos tempos medievais, principalmente da cultura portuguesa (Pereira, 2005, pp. 29-30) da qual é, de alguma forma, subsidiária. A exemplaridade subjacente aos contos e fábulas, forjada muitas vezes pelo porte irrepreensível das personagens, particularmente da Tartaruga, é um fator que entrelaça essas duas vertentes, como o que fica exemplificadamente expresso em Ana Paiva Morais (2008, p. 4) sobre «A exemplaridade animal na literatura medieval portuguesa».

De resto, foi no entrosamento em contexto de diversidade, que se desenvolveram as manifestações literárias e culturais, particularmente a dominante oral, através dos tempos e em todo o universo humano. Uma fábula ou sóia são-tomense, em que intervêm a «lagaia» (animal) ou o «ngandu» (peixe), por exemplo, pode invocar uma realidade ou princípios morais desenhados e projetados noutras latitudes geográficas e socioculturais, por personagens e agentes de índole variada, mas o destinatário ou a mensagem revelada resume-se, sem dúvida, num ser humano, com os reflexos e emoções que são o apanágio da Humanidade. Foi diante da generalidade e da especificidade resultantes da abordagem descrita que surgiu a necessidade de uma classificação dos contos que, de certo modo, pudesse harmonizar esta multiplicidade de observações e tendências. Assim se efetivou o sistema de classificação de Aarne -Thompson e Uther (ATU), proposto por investigadores do mesmo nome, visando sistematizar os contos em todo o mundo e atribuindo um número ou código específico a estes

e a fábulas, de acordo com o tipo, tema, características e configuração. Desta forma, é curioso notar que um dos contos tradicionais são-tomenses integrantes do *corpus* analisado no nosso estudo, intitulado «História da tartaruga» (*Contos...*, 1984, pp. 21-34) pode encaixar-se paritariamente no código ou número AT 1405-1429 referente ao item «Marido tolo e sua esposa», embora em contextos diferentes, considerando que, no caso da mencionada fábula da Tartaruga (tartaruga macho, neste caso), o seu comportamento leviano e rude em relação à mulher (em termos simbólicos ou alegóricos, por exemplo) resultou na morte do malfeitor.

Ainda no que toca à literatura tradicional e oral, destacam-se estudos recentes desenvolvidos por Sara da Graça Silva (2016) em que são analisados aspetos atinentes à estreita ligação existente entre moralidade e emoção no âmbito dos estudos da literatura popular tradicional, considerando que a negatividade ou a positividade expressas, por exemplo, na dinâmica literária do imaginário emocional pode muitas vezes promover princípios morais elevados e saudáveis, vincando a necessidade de se priorizar um estudo abrangente desses valores, numa perspetiva interdisciplinar.

Estudos sobre a filogenética dos contos, efetuados ainda por Sara Silva e J. Tehrani Jamshid (2016) analisaram numa escala internacional contos populares da tradição indo-europeia, com o intuito de identificar as raízes ancestrais dessa herança cultural considerando as expansões e dispersões populacionais que se verificaram em tempos recuados da Humanidade, uma pesquisa desde há muito dificultada pela insuficiência de informações de registo histórico, cultural e arqueológico. Uma das inovações desse estudo foi a utilização do método filogenético e da modelagem auto logística que permitiram concluir sobre a existência de uma interligação entre contos populares com características semelhantes que não integravam contudo um mesmo universo espacial. A correlação estabelecia-se, segundo a autora, entre comunidades populacionais caracterizadas por uma herança cultural vertical cujas tradições orais remontavam originariamente, de acordo com conclusões da pesquisa, à idade do bronze. Estas revelações demonstraram, por outro lado, que o legado da tradição oral dos povos vem de há muito, antes mesmo da expressão literária, e fornecem pistas

para uma reconstrução linguística, genética, cultural e arqueológica dos tempos pre-históricos permitindo o estudo e compreensão da importante herança transmitida pelos antepassados.

Uma vez esboçado, em termos latos, o panorama evolutivo da literatura tradicional oral, e das forças e dinâmicas interativas e comparativas encontradas nesse percurso, voltamos agora a nossa atenção para o caso específico de São Tomé e Príncipe:

Para além dos circunstancialismos descritos, envolvendo a literatura tradicional oral universal, os contos e outras manifestações orais presentes em São Tomé e Príncipe assumem igualmente, e sobretudo, influências da tradição africana, por via da confluência histórica nas ilhas de uma diversidade de indivíduos e povos de origem vária que, no âmbito do processo colonial, se vieram fixar no Arquipélago trazendo de outras partes africanas hábitos, costumes e tradições, incluindo a língua, a gastronomia, a música, culturas agrícolas, etc., compondo, por assim dizer, um autêntico mosaico socio-cultural, conforme se pode depreender da leitura atenta de Isabel Henriques (2000) e das considerações de Inocência Mata (1998, p.19) segundo as quais a cultura das Ilhas é uma «Cultura São-tomense / Cultura Africana de Formação Crioula», expressão desmistificada igualmente nas lendas míticas e místicas dos fundos da ilha irmã da região autónoma do Príncipe, com o seu crioulo lunguyê e as tradições profundas e ancestrais dos angolares a que se alia o caraterístico crioulo angolares, conforme nos reporta ainda Inocência Mata (1998). Isto, sem descurar outras coabitações linguísticas e culturais miscigenadas, como é o caso da comunidade de caboverdianos, angolanos, moçambicanos, etc., que, aportando às Ilhas, sedimentaram esta simbiose multigeracional.

Esta interpenetração de culturas que aglutina igualmente elementos da mundividência tradicional europeia, e outras, configurou substancialmente os contos orais são-tomenses, sobretudo o maravilhoso. A esse respeito, Carlos Espírito Santo define a essência deste género, nas ilhas do Equador:

A designação por que é conhecido o conto maravilhoso em São Tomé é sóia (estória), termo que outrossim inclui as macrocomposições fantásticas e licenciosas. As primeiras descrevem o terror que determinadas personagens fabulosas, tais como o diabo, o cavalo, a galinha, o cão, etc., exercem sobre os noctívagos. As estórias licenciosas versam o adultério, paixão ardente entre dois jovens, erotismo sexual, etc. É, contudo, importante sublinhar que, para além destas formas de narrativa popular, existe na ilha de São Tomé uma outra, cujo valor e significado junto da população beneficia de grande prestígio. Referimo-nos ao contági, que é baseado num facto real. Demais, não contém parte musicada e pode ser relatado em qualquer hora do dia. (Santo, 2000, pp. 15-16)

Por conseguinte, conforme frisa o autor, as sóias são contadas especialmente à noite, nas habituais sessões do nozadu, ou velório, sendo versadas preferencialmente em crioulo forro.

A interação dos gritos, ou narradores de estórias, com o público, constitui um dos traços distintivos dos contos tradicionais orais africanos e sobretudo das sóias em São Tomé e Príncipe, como é igualmente descrito em Santo (2000). O *incipit* ou mote inicial traduz-se numa espécie de chamamento ao misterioso dirigido aos circunstantes e expresso pelo griot em Forro, antes de iniciar a sóia, através da palavra «Aguêdê...», ao que se segue a resposta do público, ou da assistência, proferindo a palavra: «Alê». Posto isto, o griot inicia de imediato a sua narração. Uma circunstância mencionada por Santo (2000, p. 35) nos seguintes termos: «A fórmula de abertura faz-se de diferentes modos em África. Por exemplo, entre os forros o recitante diz: “aguêdê”, e a assistência responde: “alê”, e então tem início a narração».

Segundo refere, ainda, o mesmo autor:

Por vezes, são os familiares próximos de um defunto que convidam o griot e os vizinhos a participarem nos relatos dos contos nos dias do nozadu, ou ainda qualquer indivíduo que depois de prolongada doença se restabeleceu e dá uma festa com récita de sóia, agradecendo aos deuses e santos pela cura. (2000, p. 34)

Finalizando o nosso breve interlúdio sobre a literatura tradicional oral, com particular enfoque em São Tomé e Príncipe, importa realçar que muitos dos provérbios e sentenças proferidas nas aludidas sóias, sobretudo na língua santome ou crioulo forro, assumem referentes semânticos na maior parte das vezes simbolicamente metaforizados cujos códigos devem ser decifrados pelos circunstantes ou recetores em geral — e esta é uma das razões que sustentam a continuidade e sobrevivência dos crioulos em São Tomé e Príncipe e, não menos importante, as canções e a música tradicional e popular do Arquipélago. Muitas dessas produções artísticas, apesar de não possuírem registo musical ou partitura, sobrevivem ao tempo, décadas e décadas, pois o são-tomense é pródigo no desejo de fruição e audição de uma boa sentença mascarada numa rebuscada expressão crioula, quer esta sobrevenha de uma história picante, quer nos vessu (versos) de uma composição musical veiculados nas estações de rádio locais, mormente estruturados e delineados artisticamente por reconhecidos compositores tradicionais — autênticos griots lançando reptos de edificação moral à sociedade.

No conto «As façanhas do senhor Bêtôdô» relatado pelo nosso entrevistado Augusto Pinto Leite (comunicação pessoal, 26 de maio de 2024) e incluído no Anexo II do presente trabalho. Tanto o devedor como o dono do bar utilizaram procedimentos astuciosos para defenderem as suas causas. Os argumentos revelados foram de tal modo ampliados e exagerados, que sensivelmente se anularam e o juiz, considerando deste modo limitada a sua margem de atuação, se viu forçado a ilibar o culpado, pois, reproduzindo excertos do conto, se «o milho cozido não germina, o ovo frito jamais produzirá um pinto». Por um lado, o agente da autoridade representado pela pessoa do juiz simboliza a condenação da imoralidade, que consistia no facto de o cliente não ter pago pelo que consumira. Por outro lado, a imperfeição humana conduzida pelo livre arbítrio tende a subjugar, de forma ardilosa, as forças do bem e da justiça. A sentença evocada nesta pequena narrativa remete para aspetos característicos da tradição oral são-tomense, um adágio muitas vezes presente na estrutura de composições

populares, designadamente os «vessus», provérbios e letras de canções, expressos mormente em crioulo forro.

Por força da tradição, são ditados, sentenças, provérbios, versos que incorporam verdades que digladiam em pé de igualdade nas situações em que o que é justo muitas vezes se subjugava aos ditames da astúcia. O senhor Bêtdô contorna a verdade pelo facto de o lesado, ao pedir a restituição do que lhe era devido, exigir muito além do que a lógica permitia, muito embora estivesse imbuído de toda a razão.

Reportando-nos finalmente ao conto «A herança do senhor Milagre», narrado pela entrevistada Maria de Lourdes Will Santos (comunicação pessoal, 26 de maio de 2024), e incluído igualmente no Anexo II do nosso trabalho, é de notar que o protagonista senhor Milagre, tendo cuidado do seu vizinho até à morte, foi conduzido ao tribunal pelos irmãos da vítima por esta lhe ter cedido como recompensa um terreno, sendo que o juiz decreta a atribuição da roça aos irmãos herdeiros. Milagrosamente, vozes misteriosas interrompem o julgamento, toda a assistência foge amedrontada e o senhor Milagre encontra a paz e a felicidade.

De acordo com o que nos testemunha a história relatada pela nossa entrevistada, o recurso à divindade ou espírito dos mortos na resolução de problemas de saúde ou de outras situações difíceis é, neste caso, um aspeto digno de realce, como bem o revela Carlos Espírito Santo (2000) na alusão que faz ao efeito terapêutico de histórias contadas em circunstâncias especiais, sobretudo como fórmulas de agradecimento aos deuses pelos milagres operados. Uma instância várias vezes invocada em São Tomé e Príncipe pela crença popular, que se inspira no suposto poder mágico ou miraculoso dos deuses e dos mortos, suscetível de operar curas ou mudanças no curso natural das coisas e da vida. Com efeito, no conto em referência, um toque divinal e insondável unge com as suas mãos consoladoras o pobre senhor Milagre e as forças do bem prevalecem. São situações que, diferindo um pouco das observadas no conto afluído anteriormente, convocam os subsídios da tradição e da sabedoria popular, materializados em costumes, hábitos e crenças, e assentes no culto e na justiça do sobrenatural. Não tendo sido da alçada do humano, no caso da presente narrativa, avaliar subjetivamente

a condição do protagonista senhor Milagre pelo lado afetivo ou emotivo, exceto pelo punho impassível de um juiz alheio a todo um instinto de incondicional amizade, dedicação e solidariedade manifestadas pelo amigo ao próximo, coube ao poder sobrenatural preencher esses limites humanos e terrenos, anunciando o veredito da moralidade.

Para além dos subsídios relativos à moralidade, ao primado da astúcia e ao pendor educativo evidenciados nos contos integrantes do *corpus* de análise, incluindo os relatados pelos nossos entrevistados, com este olhar de relance sobre costumes e tradição e a sua envolvência nos contos tradicionais são-tomenses (sobretudo na construção moralística dos princípios subjacentes), concluímos a panorâmica intitulada «a literatura tradicional oral também são-tomense», referente ao presente capítulo do nosso estudo.

4. A REALIZAÇÃO LINGUÍSTICA NO ÂMBITO DOS CONTOS TRADICIONAIS

Os contos tradicionais são-tomenses, na ótica da sua representação e realização linguística, são enunciados fundamentalmente em língua portuguesa e nos crioulos locais, em diferentes contextos socioculturais e educativos. Deste modo, podem fornecer-nos importantes subsídios para uma melhor compreensão da variedade do português falado e escrito no Arquipélago.

Em São Tomé e Príncipe, uma das dificuldades de que enfermam o ensino e aprendizagem do Português, nas escolas e nos centros educativos, prende-se fundamentalmente com o fraco domínio do referido idioma pela maioria dos discentes e falantes em geral, a que não é alheio o surgimento ao longo dos tempos nas Ilhas de uma configuração peculiar do uso da língua portuguesa pelos falantes nativos. Este facto é evidenciado por Fernanda Pontífice, em «São Tomé e Príncipe: breve caracterização do quadro linguístico» (2002, p. 55), que refere, a propósito, o seguinte:

Em S. Tomé e Príncipe, pequeno estado insular de 137000 habitantes e cerca de 1000 Km², o quadro linguístico caracteriza-se pela coabitação do português com os três

idiomas nacionais – o Forro (crioulo da ilha de S. Tomé) que é o predominante; o Lunguyè (crioulo da ilha do Príncipe) e o Angolar, dialeto bantu (em processo de criouliização evidente, após a independência). Deve-se ainda assinalar a existência do crioulo de Cabo Verde falado por uma parte significativa da população de origem cabo-verdiana.

Acrescenta, por outro lado, a referida autora, que a maioria dos são-tomenses têm o português como língua materna e/ou oficial e que, no entanto, por fatores diversos, inclusivamente pela coabitação anunciada com outros instrumentos linguísticos locais, essa influência faz com que se tenha engendrado no Arquipélago um código linguístico que foge nitidamente ao padrão europeu do Português, situação que a mesma investigadora explicita, de forma convincente, nos seguintes termos:

O que é grave, no entanto, é o facto de, a nível da escola, se fazer tábua rasa da possibilidade de haver, numa mesma turma, crianças em situações completamente distintas em termos de convívio com o Português das que o têm como língua materna àquelas cujo primeiro contacto se dá na escola, passando pelas que o têm como língua segunda (Pontífice, 2002, p. 57).

Daí que a interlocutora alerte para os seguintes aspetos:

- 1- A existência incontestável de uma variedade de Português em S. Tomé e Príncipe, com sua feição própria, conferido pelos traços específicos que o diferenciam das outras variedades do Português.
- 2 – O facto de existir entre o Português e as línguas nacionais uma rede de relações e interferências mútuas, cujo resultado é tanto mais fértil e dinâmico quanto maior é a base portuguesa desses idiomas. (Pontífice, 2002, p. 56)

Diante destes factos, é notória a percepção de que tanto o português como as demais línguas em análise embebem de aspetos culturais e linguísticos que os circundam e com os quais interagem; e tendo em conta o objeto do nosso estudo, voltado para os contos tradicionais, consideramos imprescindível a adoção pedagógica nas escolas de recursos (lendas, contos, etc.) recolhidos no âmbito

de uma diversidade cultural, passíveis de promover a mitigação do insucesso escolar. Neste contexto, Albertino Bragança é peremptório ao afirmar, em «Tradição oral: memória colectiva e literatura», o seguinte:

Em São Tomé e Príncipe, especialmente com o fito de estender à camada mais jovem, particularmente à população estudantil, alguns elementos fundamentais da nossa tradição oral, independentemente da maior ou menor vivência que tenham dos valores padronizados por essa cultura, promoveu-se a edição de cadernos contendo uma recolha dos contos e lendas mais expressivos, assim como livros infantis em que se visava reunir o nosso fabulário. (Bragança, 1999, p. 117)

O impacto modelar do substracto oral na escrita é deveras notável; logo, consideramos que com base nesta premissa os valores subjacentes à construção da oralidade e da tradição oral podem constituir um alicerce sólido para o reconhecimento presencial por parte dos discentes das marcas identitárias da variedade do Português de São Tomé e Príncipe e, desta forma, estes estarem à altura de discernir esta variante da congénere europeia ficando menos propensos a erros de interpretação no âmbito do seu percurso académico. Esta realidade é confirmada ainda nos testemunhos de Albertino Bragança, como adiante se transcreve:

Ocorre, para além disso, o facto de o conto popular se estruturar, não só em função do código linguístico, mas de igual modo, de signos paraverbais e extraverbais de grande relevância na sua constituição e dinâmica, e que interagem com signos literários e verbalmente realizados. (Bragança, 1999, p. 117).

Por conseguinte, e para concluir esta parte, consideramos fundamental secundar a opinião da autora Fernanda Pontífice (2002, p. 60), antes mencionada, de que importa a «adopção de medidas com vista à definição de uma norma padrão para o Português de S. Tomé e Príncipe».

5. ALGUNS VOCÁBULOS E EXPRESSÕES TÍPICAS PRESENTES NOS CONTOS ANALISADOS¹

Os exemplos lexicais seguintes pretendem ajudar a compreender os textos analisados e mostrar a identidade e especificidade do crioulo forro são-tomense, tal como ele surge e começa a ser assumido e divulgado – é o caso, por exemplo, da publicação, ocorrida em 2021, de um outro conto tradicional cuja protagonista corresponde à personagem sobre a qual aqui se disserta, a *Soya di Tataluga ku Tluki-sun-Dêsu / Estória da tartaruga e do Tluqui Sum Deçu*, contada por Aldina Espírito Santo.

Não sendo possível esquecer a língua que dá corpo e forma à Literatura, e a estes contos em especial, anotamos muito simplesmente que, recentemente, também vários estudos linguísticos, em particular sobre o crioulo forro, têm sido divulgados (Hagemeijer & Gonçalves, 2022).

Os significados das expressões são-tomenses abaixo transcritas provêm maioritariamente do *Dicionário livre do santome-português* (Araujo & Hagemeijer, 2013), abaixo mencionado como (DLSP):

Sum Alê – 1. Imperador. Personagem de histórias tradicionais. 2. Rei (DLSP).

Mofino – 1. Avaro. 2. Sovina (DLSP).

Toras de lenha - Troncos de madeira (*Contos...*, 2014, p. 41)

Ócólí – Larva de besouro (DLSP).

Uzali – Germes em forma de larvas que se movem e deslocam nos corpos fétidos ou matérias orgânicas em putrefação ou decomposição, como animais mortos, etc..

¹ Observação: Na representação ortográfica dos signos linguísticos provenientes do crioulo forro, ou adaptados à grafia portuguesa, não foram privilegiados critérios sincrónicos, obedecendo-se antes à configuração das formas no período, ou no momento, em que estas prevalecem, quer no âmbito dos textos analisados, quer no contexto para que remetem os estudos em causa, excluindo-se naturalmente considerações relativas à evolução ortográfica até à atualidade, como por exemplo a questão da recente fixação e implementação do Alfabeto unificado das línguas tradicionais (crioulos) de São Tomé e Príncipe, o que só seria possível numa abordagem diacrónica que foge ao âmbito deste trabalho.

Juiz festeira – Participante das festas religiosas locais.

Banana-pão – Variedade de fruto da bananeira muito utilizada na gastronomia são-tomense.

Aqui d'el-rei! – Expressão interjeitiva equivalente a «Qui-da-lê-ô!», com a significação de «Acudam-me!».

Chê – Do «xê», Interjeição de espanto ou dúvida (DLSP).

Vági Pôcô Lópa – Topónimo designativo de lugar ou sítio. Traduzido à letra, seria exemplificadamente: Vagi - 1. Grotta. 2. Limite da roça (DLSP); Pôcô Lópa – Pouca Roupa.

Piadô záua - nome pelo qual os curandeiros são conhecidos em S. Tomé. (*Contos...*1984, p. 23).

Bencu - Antropónimo que tem por base etimológica o nome de uma espécie de tartaruga de pequeno porte geralmente encontrada nos rios ou na água doce, em São Tomé e Príncipe. Designação pejorativa de pessoa de baixa estatura.

Tem diabo no corpo – Está enfeitado (tradução aproximada, pelo sentido).

Almas de outro mundo – Almas dos antepassados que, segundo a crença popular, participam nos rituais de cura ou de tratamento.

Gamela – Recipiente em forma de bacia ou outra, muito tradicional no arquipélago são-tomense.

Ôkê – 1. Colina. 2. Ladeira. 3. Monte. 4. Subida. (DLSP).

Mukinki – Designação toponímica de um monte.

Cacá ôôô!... – Interjeição (Caramba!) (DLSP) Credo!

Quê! – Interjeição (Valha-me Deus!)

Cortar a banana – Cortar a bananeira retirando-lhe o cacho ou a pinha de bananas.

Sòdé – 1. Polícia. 2. Soldado (DLSP).

Lodóma – 1. Garrafa. 2. Redoma (DLSP).

Qui-da-lê-ô... - Interjeição com o significado idêntico a «Aqui d'el-rei...», proferida em momentos de aflição e angústia, ou em casos de morte ou desgraça.

Roça Ngumbá – Designação toponímica de empresa agrícola em que etimologicamente o signo linguístico «Ngumbá» remete para o referente «ginguba».

Mé Pó – Antropónimo explicitando a designação de (traduzido do Forro) «Manuel Pau» ou «Senhor Pau».

Mé Poçon – Designação antroponímica de «Manuel da Cidade» ou «Senhor da Cidade», uma versão aproximada do crioulo forro.

Kilambu – Antropónimo. Extensiva e etimologicamente, designa: 1. A maneira de as mulheres dobrarem o vestido ou a saia de forma que o sexo não fique visível. 2. Roupa íntima. 3. Tanga de pano (DLSP).

Centopeias – Pequeno animal que se locomove rastejando graças à diversidade de pernas e que em caso de ataque se torna perigoso pelas suas picadas.

Gita – Designação de uma serpente não venenosa de São Tomé e Príncipe.

Suássuá – Designação de uma serpente não venenosa de São Tomé e Príncipe.

Ukwe – Designação extensiva: 1. Bago. 2. Dragão. Personagem do dansu-kongô. 3. Gigante. Personagem de narrativas tradicionais. 4. Testículos (DLSP)

Lagartixas – Espécie de lagarto que habita predominantemente nos matos. De «lagartixa do mato. Lagatlisa» (DLSP).

6. A MORALIDADE: PRIMADO DA ASTÚCIA E PENDOR EDUCATIVO

Conferindo o verbete referente ao significado simbólico do lexema tartaruga em Chevalier e Gheerbrant (1982, p. 956), facilmente se depreende que esta assume dimensão e forma invulgares e transcendentais, equiparando-se a uma cúpula protetora erigida aos céus e a todo um porte virtuoso de renúncia aos prazeres terrenos como adiante se descreve:

Mâle et femelle, humain et cosmique, le symbolisme de la tortue s'étend sur tous les regions de l'imaginaire. Par sa carapace, ronde comme le ciel sur le dessus – ce qui l'apparente au dôme – et plate au dessous comme la bole de renoncement aux plaisirs profanes et d'obeissance. C'est pourquoi on la trouve aussi dans des castres de soldats.

Não há dúvida que a aludida conceção de endeusamento e glorificação atribuída às tartarugas, como seres imaginários detentores de poderes supranormais, encontra respaldo nos testemunhos da fábula esópica, muito particularmente «A tartaruga e a lebre» (Esopo, 1996), em que a Tartaruga, pela sua astúcia isenta de manifesta maldade e malícia, configura uma atitude sábia e prudente – uma postura muitas vezes equiparada ao papel desempenhado pela raposa nas fábulas do mesmo autor. Uma consideração que nos leva a evocar algum comportamento louvável insinuado pelo protagonismo e discernimento da tartaruga no âmbito dos contos analisados, vencendo não pela força mas pelos atributos de perspicácia. De modo idêntico se concebem as artimanhas das «lagaias» no imaginário popular em São Tomé e Príncipe ludibriando os moradores e assaltando as capoeiras, contracenando com outros adversários em gestos ardilosos de afinada sagacidade, um pormenor descortinado em facécias ou nas letras de canções populares cujas personagens remetem indiretamente para um referente real, ato ou porte indesejável, postura irrepreensível, perseguindo geralmente fins moralizantes ou demolição sarcástica de hábitos e costumes impuros e desonestos.

Em suma, por detrás da astúcia, assim arquitetada, há toda uma intenção moralística de exemplaridade nos contos e sobretudo nas fábulas, cujo pendor educativo visa prevenir comportamentos e condutas anómalas e desviantes em prol de uma convivência e existência sadia, livre de sobressaltos. Trata-se de uma recomendação passível de ser implementada nas escolas, com o intuito de se contribuir para a autoedificação pelos jovens e crianças de mentes sãs, resilientes, impregnadas de otimismo e de um olhar voltado para o futuro.

Capítulo 2

ESTUDO E RESENHA ANALÍTICA DOS CONTOS

1. A TARTARUGA E A LEBRE

1.1. Género, personagens, linguagem

A fábula clássica de Esopo *A tartaruga e a lebre* ilustra, através da forma prosaica fónica, ou na sua versão atualizada, a ação das duas personagens numa aposta em que vence a tartaruga. O facto de as personagens intervenientes serem animais configura a diferença entre esta e outras formas textuais e literárias, designadamente o conto maravilhoso, sendo a temática de moralidade o factor de destaque do género assim considerado – a fábula. Imperativos dos cânones clássicos são provavelmente a origem da predominância da versificação do texto no que concerne à versão antiga, onde inclusive é de realçar a presença de estruturas rimáticas. Por outro lado, cotejando os dois textos anunciados, constata-se que o prosaico se estrutura numa linguagem parafraseada, em que a coordenação e, sobretudo, a subordinação são os expedientes narrativos mais utilizados. De resto, a adjetivação contrastiva é um atributo peculiar muito presente na prosa fónica ou versificada, designadamente na tradução e versão de La Fontaine, como bem atestam os exemplos «apressa os passos», «ligeira» (Semedo, 1843, pp 252 e.255) *versus* «sorna», «matreira» (Semedo, 1843, pp 253 e 255). A expressão nominal «tendo vergonha» (Semedo, 1843, p 254) introduzida pela forma gerundiva «tendo» é outro recurso expressivo identificado, derivado semanticamente do suposto lexema adjetival «envergonhada». Inversamente, regista-se a verbalização «a caminhar» (Semedo, 1843, p.252) no lugar de, supostamente, «caminhando» explicitando o modo vagaroso e natural como caminhava a tartaruga, o qual se repercutia na sua perspicácia assertiva. O mesmo se reflete na imagem, ou sequência de metáforas «um anão acordado

mata um gigante a dormir» (Semedo, 1843, p. 255) em que o epíteto «acordado» antecede antiteticamente a verbalização prepositiva «a dormir», acentuando pelo contraste os traços distintivos de carácter representados pelos dois personagens e o conceito moral segundo o qual, em determinadas circunstâncias, a lentidão supera a ligeireza.

1.2. Estratégias, circunstâncias e meios arditos empregues

«É preciso pôr-lhe os meios, quando não, atraz ficamos» (Semedo, 1843, p.255).

Justifica-se a referência em epígrafe, extraída da versão antiga da fábula de Esopo, pelo facto de nem sempre a aparência ser o reflexo da verdadeira realidade. Os que se consideram prepotentes e mais fortes podem, muitas vezes, incorrer em escandalosas fraquezas. Tal é o caso da tartaruga que, em circunstâncias de flagrante inferioridade em relação à lebre rival, vence a aposta numa corrida, cortando triunfalmente a meta.

Este episódio é extensivo a inúmeras situações experimentadas pelos homens no quotidiano dos nossos dias, em que por intermédio do bom senso, associado à humildade e perseverança, vence o presumível menos inteligente ou menos dotado, em detrimento do mais forte. Outra lição que se pode daí extrair é que as diferenças geralmente não são absolutas, mas subjetivas; representam em si mesmas um meio ou artifício que poderá eventualmente ser aproveitado pelos indivíduos que apresentem deficiências, ou limitações, congénitas ou adquiridas, no sentido de aprenderem a lidar com a sua própria condição, de superarem os problemas e se tornarem autênticos heróis, da mesma forma que aconteceu com a tartaruga.

1.3. Características evidenciadas pelo malfeitor mau e seus objetivos (in)confessados no evoluir da intriga

Embora não se trate de uma narrativa de proezas em que esteja patente a violência (física) no sentido mais contundente do termo, é de notar que o comportamento da lebre se identifica como o de um malfeitor. Esta não se revela como o mau da história por se contrapor vigorosa e ofensivamente ao herói, interpondo-lhe obstáculos, mas na medida em que a sua contrariedade roça os limites do moral. Com efeito, a lebre despreza maliciosamente as capacidades físicas da concorrente pelo facto de esta não ter a pujança natural que ela possui, como se pode depreender da sua atitude de desdém, expressa na seguinte passagem da versão poética da fábula: «A lebre tendo vergonha/De correr diante d'ella, / Tratando uma tal victoria / De peta ou de bagatella, / (..) Deita-se e dorme o seu pouco» (Semedo, 1843, p. 254). O antagonismo dessa postura malévola é evidenciado de maneira cíclica ao longo de toda a intriga, pela forma recorrente como a lebre aparentemente se desliga do concurso (do desafio), ostentando a sua suposta supremacia. Mas, por seu turno, a tartaruga manteve-se firme e fiel ao seu ideal e, despreocupada com a velocidade natural da adversária, consciencializou-se da sua lentidão e por meio da astúcia e da perseverança, pôde inverter o percurso maldoso do pensamento e dos atos da lebre e sagrar-se campeã.

1.4. Do clímax ao desenlace – a perda de «face» *versus* o triunfo da autoestima

Como noutros casos retratados em histórias em que a tartaruga se investe como ludibriadora (no bom sentido da palavra), designadamente nalguns contos tradicionais, neste contexto particular a sorte igualmente sorri à protagonista. Não só o destino a contempla, como a leva, após ter vencido a lebre numa estafeta, a compensar a auto-estima amordaçada pela oponente nos gestos perversos de a diminuir moralmente, por causa da sua lentidão natural.

O binómio lentidão *versus* ligeireza não será, pois, a forma mais correta de se aquilatar entre o melhor e o pior desempenho de dois atores em situação de franca desigualdade; e a prova, é que a tartaruga deitou por terra todo o conceito facial pejorativo que, à partida, é reservado aos mais fracos pelos poderosos.

A fábula encerra em jeito de narrativa fechada e vinca, deste modo, o poderio incontornável do herói, fazendo jus à percepção pedagógica e moralizadora de que não deve triunfar a vaidade e a presunção diante da dignidade e da perseverança, posto que, apesar de possuir menos dotes naturais do que a lebre, foi a tartaruga que forjou a sua própria autoestima, suplantando a «hegemonia» da prepotência, do desprezo e da intolerância.

1.5. A construção da moralidade: um «desafio» psicopedagógico

O presente texto fabulístico, que nos revela as façanhas da invicta tartaruga, descreve a maneira engenhosa como esta, através dos seus minúsculos dotes naturais, pôde destronar a lebre, sua concorrente numa corrida de aposta e considerada à partida como a favorita.

Apesar de a história se reportar a atos encarnados e representados por animais, é assente a relevância moral dos conteúdos subjacentes para a construção de princípios éticos universais, extensivos a todas as civilizações e à Humanidade.

Subsidiária do período clássico da literatura, a obra lega-nos o ensinamento segundo o qual não se deve julgar os factos pela mera aparência. Ao ser confrontada com a lebre, que ostentava arrogância e superioridade e subestimava as capacidades da concorrente por esta não poder rivalizar em pé de igualdade devido ao seu lento caminhar, a tartaruga não se fez rogada e não se deixou intimidar pela lebre aproveitando o zelo e o descuido propositado por aquela maliciosamente manifestados, e vencendo a aposta. Facto que nos leva a considerar a necessidade de pautarmos a nossa conduta quotidiana pela resiliência, pela luta incessante por uma dignidade assente em valores morais e éticos que não dependam exclusivamente da nossa condição humana. Ainda que, por força da natureza, não herdemos dotes favoráveis que nos proporcionem alguma vantagem, ou paridade, em relação aos demais entes da espécie humana, intui a lição extraída da fábula, que devemos preparar-nos psicologicamente para o devir, certos de que na senda da vida poderão surgir-nos contratemplos e muitas situações e desafios difíceis de transpor.

É nessa lógica de pensamento que assenta a moralidade subjacente à fábula apensa, que, para além do papel anímico e reabilitador, nos conduz a uma pedagogia educativa que perpassa gerações, representada pela máxima segundo a qual muitas vezes «o trabalho» e a perseverança superam, em grande medida, «os dons naturais», «quando estes são negligenciados» (Esopo, 1996) pelo sujeito implicado - pela lebre, neste caso.

2. A TARTARUGA MANHOSA

2.1. Género, personagens, linguagem

O conto tradicional são-tomense «A tartaruga manhosa», extraído da publicação *Contos Tradicionais da CPLP* (2014), países de língua portuguesa, retrata os habituais prodígios perpetrados pela mítica personagem Tartaruga, que mercê das suas artimanhas consegue finalmente casar com a filha do monarca.

Trata-se efetivamente de uma fábula, considerando uma classificação menos rigorosa, dado que envolve a atuação de humanos e não humanos, neste caso, a tartaruga. O rei assume papel de destaque, como o principal adversário da mãe tartaruga. Os súbditos do rei, como meros figurantes, prestaram-se a organizar o cenário do combate, ou seja, o momento em que a tartaruga iria provar ao soberano a veracidade da sua proposta, segundo a qual as galinhas do rei apesar de enfastiadas tinham ainda fome.

No vasto imaginário da batalha assim considerada, levantou a tartaruga uma tora velha de madeira que surpreendeu o rei, pois dela saíram bicharadas e as galinhas mostraram que ainda tinham fome, precipitando-se para o banquete.

Ócoli (larvas), uzali (larvas que se movimentam nos corpos em putrefação), (Sum Alê), (toras de lenha) são lexemas utilizados na narrativa que denotam a prevalência de elementos linguísticos configuradores da marca identitária da variedade do português de São Tomé e Príncipe.

2.2. Estratégias, circunstâncias e meios ardilosos empregues

Na maioria das vezes, o poder malicioso da tartaruga fá-la levar a bom porto os seus ambiciosos propósitos. Neste conto, porém, não foi fácil à mesma executar o seu projeto ardiloso. O rei foi a sua principal testemunha e ao mesmo tempo um ousado oponente. Este usou o escárnio e a zombaria como formas de desencorajar o protagonista e desacreditá-lo, principalmente no seio do público da Corte, pois não acreditava que a tartaruga lhe pudesse provar que as suas galinhas, apesar de fartas, ainda tinham fome. Um desses procedimentos, utilizados pelo monarca, foi o grande aparato montado com a exibição de enorme quantidade de milho e bebedouros, tudo para provar que as aves eram bem alimentadas e por isso não tinham fome. No entanto, contrariando todas as expectativas, triunfou a astúcia da burlã tartaruga.

2.3. Características evidenciadas pelo malfeitor mau e seus objetivos (in)confessados no evoluir da intriga

Tomando como seu principal argumento o facto de as galinhas do rei andarem famintas, entendeu a tartaruga que só uma aposta com o monarca confirmaria a sua premissa inicial, e é desta forma que se propõe casar com a filha do rei, na condição de os seus planos surtirem o efeito desejado. Foi intenso o diálogo linear e dramático que os dois contendores entabularam firmando as suas posições. Por um lado, a tartaruga persistente e confiante na sua argúcia, e do outro lado, o soberano esgrimindo, num discurso agressivo e escarecedor, toda uma ironia, visando envergonhar o adversário e afastá-lo da arena do combate.

2.4. Do clímax ao desenlace – a perda de «face» *versus* o triunfo da autoestima

Da análise dos vários contos tradicionais são-tomenses em que intervém a tartaruga depreende-se que, pela sua conduta ao longo da intriga, o protagonista luta por se afirmar junto à instância suprema, ao poder real. Este mecanismo é exercido por meio do recurso a diversos estratagemas, sobretudo a arte de enganar. Ao afirmar, no final da história, que «O rei é meu sogro» (*Contos...*, 2014) manifesta de forma entusiasta o feito de ter conseguido igualar-se ao monarca, casando-se com a sua filha, através da sublimação ou elevação da auto-estima. Este facto (avaliado no bom sentido) é inerente ao comportamento humano em todos os tempos e prende-se com a psicologia ou psicossociologia comportamental segundo a qual o indivíduo tende a superar-se continuamente, procurando compensar as suas capacidades, competências e habilidades.

2.5. A construção da moralidade: um «desafio» psicopedagógico

O vilão da história triunfa e torna-se herói. Consegue pela argúcia o que lhe é negado pela sorte e pela indigência. Subjugando o monarca, inverte o seu papel na intriga por intermédio do engano e da manipulação. Não se trata de um contexto de referência de que se possam extrair exemplos e moralidade, mas o facto de o conto ser pródigo em recursos e cenas de mofa e hilaridade reedificadoras de ânimos entristecidos, é uma mais-valia que pode juntar pessoas e famílias, num cenário motivador e salutar, de risos e alegrias.

3. O TARTARUGA E OS VIZINHOS

3.1. Género, personagens, linguagem

A presente narrativa faz parte de uma antologia de contos incluída na obra *Tipologias do Conto Maravilhoso Africano*, de Carlos Espírito Santo (2000), e segundo passagens do mesmo autor na obra citada, trata-se de um «Conto que ouvimos narrar desde a infância» (Santo, 2000, p.181). Na verdade, boa parte da literatura tradicional são-tomense é subsidiária dos contos orais, em que a personagem Tartaruga intervém geralmente como protagonista. Segundo a classificação mais genérica, no caso assinalado estamos em presença de uma fábula, cujos atuentes, para além de animais (como o Tartaruga) integram igualmente criaturas humanas, exemplificadamente «o rei» e os «vizinhos» (Santo, 2000, p.181). O rei, neste caso o agente representativo da autoridade, é desafiado (como muitas vezes acontece em textos do género) pelo burlão Tartaruga a entregar-lhe mil cabras, patas e galinhas mediante uma aposta, que finalmente rende a metade do palácio ao herói. Curiosamente, importa ressaltar, no que toca ao protagonista considerado, o Tartaruga, a menção do género gramatical masculino inerente à referida personagem, posto que, em muitos dos casos, o lexema «tartaruga», ainda que consubstancie o género gramatical masculino, assume conotação neutra, independentemente de se tratar do macho ou da fêmea. Este facto pode ter, porventura, associação com a dinâmica das línguas tradicionais em São Tomé e Príncipe, designadamente o crioulo forro, em que na maior parte dos usos lexicais prevalece o masculino, independente do referente semântico. Através da hiperbolização da expressão quantitativa «mil», logra o agente tartaruga, pelo efeito emocional multiplicativo, trair tanto o soberano como os vizinhos. De referir que o intrujão, ao dirigir-se ao monarca, fá-lo utilizando a expressão «o senhor rei» (Santo, 2000, p.181), traduzida correntemente por «sum alê» no crioulo forro. Especificamente na linguagem familiar, em São Tomé e Príncipe, é comum a utilização dessa modalidade discursiva, uma fórmula distintiva de tratamento hierárquico dirigido ao rei, herança dos tempos monárquicos e medievais a que alude Cintra (1986), muito presente nos contos e sóias (sessão de narrações recitadas sobretudo nos velórios) da tradição oral são-tomense.

3.2. Estratégias, circunstâncias e meios ardilosos empregues

Pródigo em descobertas e estratagemas, o lema do Tartaruga nos contos tradicionais são-tomenses é, acima de tudo, colher vantagens, na maioria das vezes em próprio benefício, ludibriando os adversários e não raras vezes sofrendo as consequências dos seus próprios atos.

No presente conto, por exemplo, em que o protagonista é bem-sucedido e consegue enganar o rei e os comparsas, assiste-se inicialmente a uma pseudo-antecipação de um perigo inventado. É o próprio agente, promotor da façanha (o Tartaruga) que inculca no rei a ideia da previsibilidade de, num futuro próximo, caso não vencesse a aposta, este ter toda a prerrogativa de mandar matá-lo, como bem atesta a verbalização locutiva extraída do conto em análise: «poderá mandar matar-me» (Santo, 2000, p.181). De igual modo, através da aludida prolepse discursiva, o ator (ludibriador) exprime a conjectura de uma posse verbalizada, efetivada pelo pronome pessoal de complemento/objeto indirecto «me», como se pode constatar no argumento citado e transcrito do texto «dar-me-á a metade do palácio» (Santo, 2000, p.181). Desta forma, o herói concebe idealmente um «doador» virtual (o rei), facto que bem se subentende na mesóclise anunciada, acolhendo mentalmente o estatuto do futuro «beneficiário». Para tanto, elege a astúcia como factor mobilizador da consciência volitiva do monarca, ao aperceber-se da incredulidade manifestada de forma veemente pelo mesmo. Resoluto, e através de uma exclamação negativa, a dado passo o rei desvalorizara claramente a pretensa capacidade do Tartaruga: «— Não é possível fazeres isso!», (Santo, 2000, p.181).

Procedimento idêntico foi utilizado pelo protagonista Tartaruga ao abordar «os vizinhos» numa tentativa de lhes surripiar animais com os quais suportaria a aposta feita ao soberano, prometendo apresentar-lhe mil galinhas, mil patas e mil cabras no prazo de uma semana. Apenas, desta feita recorreu à manipulação dos «pacientes» vizinhos por força de violência persuasiva e coerciva, ameaçando-os dizendo-se mandatado pelo monarca.

3.3. Características evidenciadas pelo malfeitor mau e seus objetivos (in)confessados no evoluir da intriga

O Tartaruga, ao visitar o rei, propôs-lhe uma condição em jeito de aposta. O seu objetivo era, como habitualmente acontece no conto maravilhoso são-tomense, colher benefícios da parte do monarca. Para sustentar esse argumento, designadamente a maldade, o mau engana o soberano comendo os «instrumentos», isto é, os animais que o rei lhe dera, com os quais supostamente devolveria no prazo de uma semana milhares ao monarca. Uma vez devorados esses animais, não estava em condições de implementar a proposta feita ao soberano, pelo que inventou um segundo subterfúgio aliciando os vizinhos e «caluniando» o próprio rei, dizendo-lhes que o soberano iria organizar uma grande festa e que eles deveriam entregar a sua criação ao protagonista conforme orientações emanadas do monarca, o que não passava de mera mentira. Com este último expediente, o da mentira, o intrujão violenta os «pacientes» vizinhos que, temendo complicações com a autoridade real, se veem coagidos a ceder-lhe o «objeto», ou seja, os animais que se tornaram nova ferramenta ou instrumento a ser prontamente utilizado pelo burlão, na prossecução da sua arte matreira. Num outro momento, pelo objeto usurpado, o Tartaruga revitimiza o rei e colhe o «troféu», isto é, vence a aposta, entregando as criações ao soberano e deleitando-se com a dádiva da metade do palácio real.

3.4. Do clímax ao desenlace – a perda de «face» *versus* o triunfo da autoestima

O protagonista parte do nada inicial, monta (ele próprio) peripécias de um combate desonesto tendo como respaldo defensivo inicialmente os vizinhos e, posteriormente, o próprio rei, que se torna a última e renovada vítima. Há, por assim dizer, o triunfo da vergonha sobre a honestidade, uma cena passível de ser observada no universo da Humanidade, em que nem sempre as coisas são feitas com o zelo, a razão e o bom senso. Para conseguir os seus perversos desígnios, optou o ludibriador por subjugar subrepticamente os seus «inocentes

adversários», numa contenda em que não saiu incólume o próprio monarca, que passando à defensiva, devolveu parte dos seus haveres ao protagonista – metade do seu palácio.

3.5. A construção da moralidade: um «desafio» psicopedagógico

A construção da moralidade no conto é beliscada pelo extremo da ambição, que só é atingida pela violação das virtudes de honradez e honestidade, acrescida do desrespeito a outrem por intermédio de calúnias, dolo, engano, subjugação e má-fé. Com o intuito de alcançar os seus dolosos objetivos, o Tartaruga não olha a meios na sua luta pela subversão da ordem moral. Este conto, apesar de remeter para um referente imaginário, submete o leitor ou ouvinte a uma atenta reflexão sobre a injustiça e a desonestidade que foram e continuam a ser o apanágio da conduta do ser humano, que muitas vezes se atém aos malefícios do engano e da ambição, em detrimento de uma atitude sábia e prudente.

4. HISTÓRIA DA TARTARUGA

4.1. Género, personagens, linguagem

É de admitir que o presente conto tradicional encerre um universo fabulístico, no qual o imaginário do maravilhoso se alia simbioticamente ao fantástico do sobrenatural, evidenciando-se a personificação dos animais irracionais tartarugas: «Como é que levo isto tudo, mulher?» (*Contos...*, 1984, p.28); a animização de objetos materiais como a pedra, que, atuando como forças da natureza, adquirem poderes supra-humanos, personalizam-se e interagem com o protagonista, como, por exemplo, na passagem «Dá-me um bocadinho

Daqui a nada dou-te um bocado.» (*Contos...*,1984, p.30), sendo que o herói comunica, por seu turno, com os soldados reais.

A linguagem recheia-se de topónimos, assim como antropónimos culturais, espirituais, míticos e místicos. O discurso apropria-se de unidades lexicais e expressões lexicalizadas privativas da variedade linguística do português de São Tomé e Príncipe., como «chê» (*Contos...*,1984, p.23), «Aqui d'el - rei» (*Contos...*,1984, p.22), «Vagi Pôco Lôpa» (*Contos...*,1984, p.23), «piadó záua» (*Contos...*,1984, p.23), «Bencu» (*Contos...*,1984, p. 24), «meus companheiros (almas de outro mundo)» (*Contos...*,1984, p.26), «diabo no corpo» (*Contos...*,1984, p.25), «festa de Santa Cruz», «gamela», «Ôkê Mukinki» (*Contos...*,1984, p.26), «Cacá ôôô!...Quê!» (*Contos...*,1984, p.27), «pegar camarões no rio» (*Contos...*,1984, p.33), «juiz festeira» (*Contos...*,1984, p.21), entre outras.

Por outro lado, registam-se apartes em que o herói se exprime monologando ironicamente e ludibriando a mulher, com atitudes de assumida «franqueza e honestidade»: «Sozinho? Como é que levo isto tudo, mulher?» (*Contos...*,1984, p.28); «Vou para a cama, meto-me debaixo da coberta, finjo que estou com muita febre, tremendo, até que ela chegue.» (*Contos...*,1984, p. 22).

4.2. Estratégias, circunstâncias e meios ardilosos empregues

O Tartaruga recorre a estratagemas enganosos para ludibriar, em primeiro lugar, a parceira e comer tudo quanto ela preparara para a festa da padroeira local. O fingimento é um desses artifícios. Encontra, contudo, pelo caminho, oponentes naturais, sobrenaturais e humanos que o levam a sucumbir restando apenas os seus destroços «humanos».

4.3. Características evidenciadas pelo malfeitor mau e seus objetivos (in)confessados no evoluir da intriga

Matreiro e maldoso, o Tartaruga fingiu-se gravemente doente e propôs à companheira que esta se dirigisse ao curandeiro, seu suposto irmão «Bencu» (*Contos...*,1984, p.24), para o curar, sendo que ele mesmo se passava pelo «piadô záua» (*Contos...*,1984, p.23), o curandeiro, retirando-se para um local secreto onde comeria os víveres guardados pela mulher para o festim. Sentou-se numa pedra, supondo o rochedo uma fiel parceira na paradisíaca aventura: «Olha uma pedra! Vou-me sentar aqui mesmo sobre ti» (*Contos...*,1984, p. 29). O malefício, porém, tomou conta do malfadado herói; a pedra, de auxiliar passou a sua oponente e adversária, pois o protagonista recusou-se ciclicamente a aceder ao pedido feito amiúde pela mesma de «um bocado» (*Contos...*,1984, p.30) do seu banquete, não obstante a promessa afirmativa do Tartaruga, até que este acabou por devorar todo o comer. Quando tentava levantar-se, viu-se preso à pedra, que rejeitou firmemente as súplicas de liberdade e os seus pedidos de socorro. Diante de tamanha disputa e barulheira, acorrem em socorro os soldados do rei. O Tartaruga esconde aos guardas o motivo da aflição e do tumulto, estes regressam assim que ouvem o continuar da querela e instam o réptil a cessar a confusão e o barulho, sob pena de sofrer as consequências do seu próprio ato. Ao que parece, o Tartaruga, ressentido pela culpa, adia a confissão confiando talvez na flexibilização do instinto implacável do oponente sobrenatural «a pedra» (*Contos...*,1984, p.30), o que inexoravelmente não aconteceu, extremando-se o dilema dramático em que se enclausurou o herói, que, uma vez descoberto pelos soldados, foi dilacerado e supliciado até à morte.

4.4. Do clímax ao desenlace – a perda de «face» versus o triunfo da autoestima

«Os soldados cercaram o Tartaruga, cortaram-lhe as nádegas com a faca, puseram-no de pé, mataram-no, racharam-no ao meio, mandaram uma parte ao palácio e a outra metade foi entregue à sua mulher.» (*Contos...*,1984, p. 34)

O desfecho funesto que o último parágrafo do texto transcrito evidencia, representa o derradeiro descambar de um conflito que oscilava entre a pacificação inglória exigida ao gigante sobrenatural «pedra» pelo protagonista Tartaruga, a intransigência e a falta social deste último e o efeito iminente e inevitável da fúria dos representantes humanos da autoridade real — os guardas. Finalmente, importa ressaltar o sucumbir da argúcia da Tartaruga e o triunfo amargo da pedra e dos vários enganados que, embora finalmente aquela não fosse contemplada com o fruto das suas reivindicações, poderia hipoteticamente refugiar-se nas duras provas de punição e remissão enfrentadas e suportadas pela tartaruga, bem como a sua mulher, que se mantivera inocente e fora injustiçada nos primórdios do embate.

4.5. A construção da moralidade: um «desafio» psicopedagógico

«Aqui se faz, aqui se paga» pode ser, talvez, a moral, ou rifão, que mais se adequa à trama do enredo trágico que vitimou o herói, tanto mais que as suas ações ignóbeis, apesar de se circunscreverem a um universo surreal e mágico característicos do conto maravilhoso e do fantástico, encontram, de facto, paralelo, em muitos quadrantes da vida real e quotidiana dos seres humanos.

Importa, no fundo, destrinçar, no mar de crueldades imundas protagonizadas, quer pelo Tartaruga, agente principal da narrativa, quer por outras forças intervenientes da natureza, do sobrenatural, e da própria autoridade real, os ensinamentos segundo os quais deve sempre prevalecer o bem e não o mal, não obstante se saiba que a virtude abunda, muitas vezes, em mares infestados de inúmeros defeitos. No que concerne ao caso em apreço, o Tartaruga tentou diabolizar a figura ingénua da companheira e bem conseguiu inicialmente os seus intentos, mas a maldade foi logo sancionada e refreada pela intervenção mágica e para-natural da pedra, e colmatada de forma enérgica, lúgubre e punitiva pelas instâncias do poder monárquico. Porém, o desfecho poderia eventualmente assumir proporções menos disfóricas, como, por exemplo, na hipótese dos finais felizes, mas tal não é o caso em análise. De qualquer forma, urge assinalar a

exemplaridade subjacente aos contos; e este, tratando-se de um expediente representativo da tradição oral são-tomense, é, sem dúvida, um manancial pedagógico e educativo de gerações.

5. UM GRÃO DE MILHO É O PREÇO DE UM ESCRAVO

5.1. Género, personagens, linguagem

Trata-se de um conto cujo referente, na impossibilidade de ser enquadrado objetiva e temporalmente num espaço e época fisicamente identificados, nos conduz inequivocamente ao universo maravilhoso; narrativa conhecida vulgarmente em São Tomé e Príncipe pela «sóia» que inclui, neste caso, as personagens da tartaruga e do rei (como protagonistas), pessoas singulares, tais como «a dona de casa» (*Contos...*, 1984, p.56), «o feitor» (*Contos...*, 1984, p.58), «o administrador da roça Ngumbá» e o «serviçal, pastor» (*Contos...*, 1984, p. 59). Alguns animais, tidos como meros figurantes irracionais, designadamente «uma galinha» (*Contos...*, 1984, p.56) e «o boi» (*Contos...*, 1984, p.58), foram utilizados como moeda de troca pela tartaruga, no percurso da sua ambição de cumprir os desígnios do rei e de escapar à força. O papel semântico e pragmático desses antropónimos reside no facto de permutarem funções em cada fase da prova actancial. Ao ser engolido pela galinha, por exemplo, o «milho» (elemento botânico e cereal) (*Contos...*, 1984, p.56) metamorfoseia-se num objeto raro, «um anel precioso» (*Contos...*, 1984, p.56) — pretexto apresentado à dona de casa pela tartaruga dizendo que a galinha dela tinha comido «um anel precioso do senhor Rei» — o qual ganha maior expressividade dramática ao roçar a suposta possessão real, contrapondo-se à sua qualidade inicial do *incipit*, ou seja, o instrumento mágico que catapultou toda a progressão dos acontecimentos ao longo da narrativa, já que constitui a chave a partir da qual a tartaruga passa a usufruir plenamente os seus poderes ludibriantes. De resto, a atitude persuasiva da Tartaruga diante do monarca contou (passe o termo) com a hiperbolização diminutiva do lexema «milho», que podemos considerar tratar-se de uma

sinédoque, em que o manhoso enganador tomando a parte «um grão de milho» (*Contos...*,1984, p.60) pelo todo, logra convencer o monarca de que não precisava de tanto para converter em sucesso a promessa que lhe fazia. Do mesmo modo, a galinha, uma vez «liberta» da culpabilidade imputada por hipotética e subjetiva expiação, passa à posse da heróina tartaruga como prêmio da sua astúcia - e é nesse contexto que esta a elege como sendo novo instrumento de combate — um agente que acolhe seguidamente o epíteto de paciente ao ser molestado pelo subsequente atuante «imbecil (...) boi» (*Contos...*,1984, p.58). Logicamente, o quadrúpede personifica o ator humano, uma maneira inconfessada de que a tartaruga se serviu para justificar os malévolos intentos, transferindo a sua carga de culpa para um «irracional» como ela, porém investido de um estatuto especial.

No entanto, ao fazer com que o boi se auto-mutilasse «partindo uma perna» (*Contos...*,1984, p. 59), junto ao plantador de bananeiras, a tartaruga, mais uma vez, aterroriza o «administrador da roça» (*Contos...*,1984, p. 59) com o espectro da justiça real alegando que o seu pastor aleijara «o boi de raça» (*Contos...*,1984, p. 59) do monarca, recebendo finalmente «em hipoteca», por parte do roceiro, como instrumento evasivo, o «troféu» do «escravo redentor» que foi conduzido finalmente pelo protagonista ao palácio real, argumento com o qual o burlão confirmou, enganosa e engenhosamente, ao soberano, que com um grão de milho apenas lhe providenciaria um escravo, sugerindo ao mesmo uma autêntica ironia apoteótica em jeito de interrogação retórica.

5.2. Estratégias, circunstâncias e meios ardilosos empregues

Falando-se concretamente dos estratagemas evidenciados e protagonizados ao longo da intriga pelo agente tartaruga, é importante sublinhar a dualidade dimensional e o cariz contrastivo da sua ação combativa no feito de ludibriar os contendores. Por um lado, um instinto matreiro e malfeitor amiúde respaldado em ameaças subtis de submissão dos comparsas à autoridade real, exemplificadamente quando este amedronta a «dona de casa» (*Contos...*,1984,

p.56) por alegadamente a galinha dela ter comido «um anel precioso do senhor Rei» (*Contos...*,1984, p.56); mais além, no caso em que, através de uma velada hipálage, inculca no feitor a ideia de que o seu «boi matou a ave de estimação do senhor Rei» (*Contos...*,1984, p.58) (subentendendo-se, dir-se-ia, que nesta aceção ele próprio, o feitor, seria o visado, e não tanto o seu boi).

É neste contrabalançar de forças atuantes que digladiam na arena actancial, oscilando entre agravantes e atenuantes, que o herói se atém às rédeas do seu propósito subjugando os seus oponentes, até se firmar como vencedor, entregando o prometido escravo ao Rei, esquivando-se, desta forma, da severa punição.

5.3. Caraterísticas evidenciadas pelo malfeitor mau e seus objetivos (in)confessados no evoluir da intriga

A narrativa inicia-se com «a Tartaruga entrando [no palácio real] com ar chocarreiro» (*Contos...*,1984, p. 54) denotando certo alheamento em relação ao enfado do monarca, que se queixava de uma existência cheia de problemas e preocupações «insolúveis». A caraterização explícita, por assim dizer, do vilão da história de acordo com o epíteto «chocarreiro» (*Contos...*,1984, p.54) transcrito, não se restringe à visão omnisciente do narrador. Na verdade, é a própria Tartaruga que se acha detentora de «muitos ... recursos» (*Contos...*,1984, p.54) suscetíveis, digamos, de afastar o soberano da inditosa situação anunciada, apesar da fúria do monarca, que a dado momento a classificou de «bicho malvado» (*Contos...*,1984, p.54). Este conceito e visão antitética que opõe o sujeito de narração e o «chefe da Corte» à própria Tartaruga acompanha, linear e progressivamente, a ação até ao fim, ganhando, a cada prova, crescente intensidade. Inversamente, no que tange ao rei, a Tartaruga cumula-o com elogios desenfreados ao apelidá-lo de «muito...generoso» (*Contos...*,1984, p.55), um instinto pacificador que vem deitar água na fervura no despoletar de um dos acesos repentinos do monarca, e que explicita o vincado antagonismo descrito. Paralelamente, as outras forças actantes da intriga comungam de igual forma

alguma aversão e desdém pela Tartaruga, designadamente a «dona de casa» com a adjectivação pejorativa de inútil e «mofino»² (*Contos...*,1984, p.56); o feitor, cujo furor se patenteia no seu rosto «carrancudo» (*Contos...*,1984, p.58) e ameaçador; e, finalmente, «o administrador da roça Ngumbá» (*Contos...*,1984, p.59) que, ao ripostar aos desmandos da protagonista, a interpela reativamente com um olhar sobranceiro.

Concluindo, é assente todo o conluio das forças oponentes visando contrapor-se à petulância agressiva do «réptil» intrujão, o qual, paradoxalmente, com a sua viperina malícia, vence tudo e a todos e faz capitular o rei – seu principal e derradeiro adversário.

5.4. Do clímax ao desenlace – a perda de «face» *versus* o triunfo da autoestima

Durante os vários momentos do episódio narrado que marcam a evolução do enredo e precedem o veredito final diante do rei, a Tartaruga foi construindo, ela própria, a autoimagem de um pseudo ser mutilado, absolutamente despojado e aniquilado.

Esta perceção deriva do facto de, em reiteradas aparições em cena, ter a mesma utilizado um poderoso artifício defensivo e reativo, que consistiu no uso da expressão interjeitiva muito popular em São Tomé e Príncipe e associada ao crioulo forro, designada: «Qui – dá-lê-ô... – Qui – dá-lê-ô...» (*Contos...*,1984, pp. 56, 58,59). Oriunda da expressão correspondente do português clássico e medieval «Aqui d'el Rei», na asserção descrita denota um grito ou exclamação de desespero, ou um pedido de socorro perante a adversidade, e é equivalente, por exemplo, a «Acudam-me!» na norma europeia do Português.

Com este efeito enfático e surpreendente, logra chamar a atenção dos demais interlocutores e do público em geral para um suposto perigo por que esteja a passar, cujas consequências imediatas recairiam de rompante sobre os pacientes visados «a dona de casa» (*Contos...*,1984, p.56), «o feitor» (*Contos...*,1984,

² Mofino é palavra antiga e significa desditoso, azarado, infeliz.

p.58), «um trabalhador que fazia cova para plantar bananeiras» (Contos...,1984, p.58), «o administrador da roça Ngumbá (...)» (Contos...,1984, p.59), para citar apenas estes exemplos. Desta forma, por intermédio do pregão aterrador e demolidor, partindo da condição de um ser desprezível, mesquinho e condenado por todos - que geralmente vinha desempenhando o papel semântico e pejorativo de paciente - investe-se de honras de agente rebelde, pronto a desferir ordens e a impor condições. Os outros logo lhe obedecem cegamente, temendo retaliações fatais. A sua autoestima eleva-se, ao ponto de coagir o «feitor» (Contos...,1984, p.58) a entregar-lhe, contra a sua própria vontade, um «boi [da sua] (...) manada» (Contos...,1984, p.58) temendo compromissos com «Sum Alê» (Contos...,1984, p.60), fórmula designativa, no crioulo forro, em São Tomé e Príncipe, de «o Senhor Rei».

No encontro inicial em que o herói Tartaruga reunira com o monarca, este agira resoluta e peremptoriamente e o cenário era inverso; o rei revelou-se um agente e imperador absoluto lançando um repto, cujas condições, caso não fossem cumpridas, acabaria com o «paciente» enforcado «na Praça Pública» (Contos...,1984, p.55). A partir daí, uma luta encarniçada passou a reinar entre a Tartaruga manhosa e os seus detractores, que passaram ao pejorativo atributo semântico de subjugados ou «vassalos». Nem o rei escapou à diatribe instalada, perdendo o estatuto facial de que se orgulhava inicialmente e rendendo-se à «sapiência» evasiva do herói «chocarreiro» (Contos...,1984, p.54) — a Tartaruga.

5.5. A construção da moralidade: um «desafio» psicopedagógico

«— Sum Alê, Senhor, afinal, um grão de milho é ou não é o preço de um escravo?...» (Contos...,1984, p.60)

Cogitando sobre o sentido e alcance da expressão transcrita da fala da Tartaruga, que assinala o desenlace da intriga, facilmente concluímos tratar-se de uma sentença apostrófica dirigida ao soberano.

A partícula enfática ou de realce «é ou não é» representa uma ironia amarga que deita por terra os pressupostos do Rei segundo os quais a Tartaruga era apenas um ente impertinente e que este estava farto de «aturar» (*Contos...*,1984, p.55). Com apenas «um grão de milho» (*Contos...*,1984, p.60), expressão diminutiva reduzida ao eufemismo, a Tartaruga, de forma hábil e inofensiva, vinca a sua astúcia indomável de gigante. Não foi de todo necessária «a lodóma (garrafa)» cheia de grãos; bastou-lhe apenas um para desferir um golpe de misericórdia ao Rei, porque, na verdade, ela já considerara a vitória como um dado adquirido, facto que se comprova de modo irrepreensível no monólogo introspetivo do herói, enquanto seguia «o seu caminho (...) com o boi preso por uma corda ao pescoço» (*Contos...*,1984, p.58), depois de ter iludido, persuadido e ameaçado o feitor que o violentara «com um bordão» (*Contos...*,1984, p.58). A sua consciência já então o alertara de que estava no caminho certo: «Isto vai melhor do que imaginas», (*Contos...*, 1984, p.58).

Por outro lado, há um encadeamento linear de verbalizações expressivas envolvendo verbos conjugados na voz ativa e no pretérito perfeito, como por exemplo «comer» — em «Aquele galinha comeu um anel precioso do senhor Rei» (*Contos...*,1984, p.56); «matar» — em «O imbecil daquele boi matou a ave de estimação do senhor Rei» (*Contos...*,1984, p.58); e «aleijar» — em «Mas acontece que aquele serviçal, pastor, aleijou o boi de raça do senhor Rei» (*Contos...*,1984, p. 59). A culpabilização inerente aos atos verbais mencionados é focalizada e direcionada para os alvos a abater, nomeadamente os possuidores dos objetos, ou elementos representados como instrumentos persuasivos e manipuladores, engenhosamente utilizados pela Tartaruga para criar nos contendores um clima de pânico emocional, precipitando-os numa aceitação tácita e sem condições, em nome de uma moralidade imposta e violenta. A verbalização descrita ganha, com efeito, no final do enredo, um pendor imperativo rude e hiperavassalador, quando se materializa na ordem expressa dirigida à própria Tartaruga pelo «administrador da roça Ngumbá» (*Contos...*,1984, p.59) que por momentos se rende e, partindo da condição de visado, repentina e ironicamente assume estatutos de ator, dizendo à protagonista: «Entrega este animal [o escravo] ao Rei» (*Contos...*,1984, p.59).

Não é por acaso que o narrador, ao referir-se à investida da Tartaruga pelo palácio adentro, se serve do presente histórico ou narrativo, que confere à atitude final da heroína indícios assertivos de triunfalidade, como bem atesta o argumento: «A Tartaruga, empurrando a vítima, entra no palácio» (*Contos...*, 1984, p.59)

O auge da invencibilidade da protagonista é, no entanto, visivelmente assinalado com a poderosa adverbialização expressiva «afinal» que, na voz da personagem Tartaruga, remata a progressão da história: «— Sum Alê, Senhor, afinal, um grão de milho é ou não é o preço de um escravo?...». (*Contos...*, 1984, p.60)

Num segundo eixo da análise, e invertendo a voz ativa inicialmente anunciada pela passsivização do discurso, estaremos em condições de argumentar que o «anel» comido (*Contos...*, 1984, p.56), a «ave» (*Contos...*, 1984, p.58) morta e o «boi» (*Contos...*, 1984, p.59) aleijado ao acoplarem-se adjetivamente aos complementos determinativos de posse moral ou subjetiva do Rei exemplificada e respetivamente «anel precioso do senhor Rei» (*Contos...*, 1984, p.56), «ave de estimação do senhor Rei» (*Contos...*, 1984, p.58) e «o boi de raça do senhor Rei» (*Contos...*, 1984, p.59) conferem pela raridade e pela preciosidade dos sujeitos, simbolicamente representados, e pela suposta e intimidadora possessão real, motivos sobejos para que, de forma indireta, a Tartaruga pudesse lograr a usurpação da serenidade e calma dos visados, tornando a moral destes vulnerável, ao ponto de se entregarem e se submeterem à matreira burlã.

Este conto é uma manifestação inequívoca de que há muitos caminhos por intermédio dos quais se podem vencer os obstáculos existenciais. A mundividência espelhada na narrativa, ainda que se trate de um universo fantasmagórico de imagens e realidades metaforizadas — o leitor ou espetador, em presença, ou não, pode vislumbrar ensinamentos tornando a sua vida quotidiana mais alegre, impregnando-a de toques de fantasia, reflexões de modo idêntico descritas por Bettelheim (2018) a propósito dos desígnios dos contos de fadas. Um dos eixos dominantes da história tem a ver com o seu carácter teatralizante, sobretudo cómico — uma espécie de tragicomédia em que atores se movimentam, numa sucessão paralelística de glórias e deceções. A

dramaticidade jocosa destes dois opostos — o mergulho no escuro abismo da derrota e a espreitadela aos raios nascentes e eufóricos da vitória elevando-se do fundo do túnel — é a virtude que permanece transparente na narrativa, mormente nas histórias ou «sóias» hilariantes que promovem o riso e a descontração, mesmo diante das situações mais horríveis e caricatas. Assim, fica bem expresso nas sábias palavras finais da Tartaruga dirigidas ao monarca que, muitas vezes, vale muito menos a força do que o poder do pensamento e da intuição recheada de sorrisos. No caso das «sóias» que tradicionalmente se contam nas longas noites ou serões do «nozadu» (velório) em São Tomé e Príncipe, o papel singular das facécias e de outras cenas hílares relacionadas com essas histórias consiste fundamentalmente em divertir os circunstantes ensombrados pelo clima sinistro e melancólico decorrente da partida dos seus entes queridos. Desta forma, são promovidos instantes lenitivos - uma autêntica terapia catártica e retemperadora de ânimos.

6. O TARTARUGA E O REI

6.1. Género, personagens, linguagem

O presente conto foi o resultado de uma recolha oral feita junto ao nosso entrevistado, senhor Augusto Pinto Leite (comunicação pessoal, 26 de maio de 2024) e figura num dos anexos deste trabalho. Marca distintiva dos contos tradicionais são-tomenses, e sobretudo africanos, é o timbre da oralidade, que denota uma expressão linguística típica e cultural aliada às tradições locais, transmitidas de geração a geração. A referência fabulística inerente à narrativa prende-se com o facto de vincar princípios morais conclusivos segundo os quais, tal como no caso da fábula esópica «A tartaruga e a lebre» (Esopo, 1996), vencem os presumíveis menos dotados. Uma conceção que preside de uma forma geral aos contos tradicionais em que a tartaruga é personagem, e sobretudo protagonista, nos contos e sóias de São Tomé e Príncipe. Ao cunho imaginário do conto, que remete para o referente de ludibriação do monarca por um tartaruga

astuto, apenas idealizado na imaginação associam-se substratos reais, sociais e culturais, do nosso mundo terreno, um facto a que não são alheias as considerações de Timbal-Duclaux (1997, p.18) que apontam o seguinte:

De facto, os conceitos de realismo e de maravilhoso não se opõem na prática, mas aliam-se muito bem, num maravilhoso realista ou num realismo do maravilhoso. É próprio da ficção operar misturas subtis entre o que vem da realidade e o que é devido à imaginação.

A circunscrição da história num cenário medieval de competição relativo a épocas recuadas, assinaladas pelo poder régio, é testemunhada pelo carácter unitário da estrutura dramática actancial, que revela igualmente unicidade temporal e espacial: uma configuração específica do conto, ou do maravilhoso, cuja dimensão imaginária nos é sugerida pela coabitação de um ser humano (no exemplo, o rei) com seres irracionais como o tartaruga e seus auxiliares irmãos de espécie, que comungam paradoxalmente de atitudes e capacidades humanas, um contexto fabuloso e visionário assazmente revelado pelo autor Timbal-Duclaux (1997).

6.2. Estratégias, circunstâncias e meios ardilosos empregues

Contrastando nitidamente com a estratégia delineada pelo rei e ao invés de se socorrer de expedientes físicos, como a força propulsora dos quadrúpedes (cavalos), utilizados pelo monarca para fazer valer o seu poderio invicto, imperial e vencer a prova e aposta, o tartaruga baseou-se convictamente no princípio segundo o qual «a união faz a força», tratando-se de uma força anímica e não, por assim dizer, hercúlea. De tal modo, que os companheiros que convocou para o auxiliar no ingente desafio diante do poderoso monarca, verdadeiros duplos de si mesmo, apenas foram colocados no extremo das curvas do percurso da prova, como se fossem meros figurantes na ação da intriga. O que, logicamente, não correspondia à verdade, pois eram dotados de uma força psicológica e dissuasiva

que sobrepujava, em muito, o impulso motriz que detinham os mais velozes cavalos do soberano. Daí que o herói tenha recorrido a entes como ele, como que multiplicando a sua essência valorosa, numa personificação de poder e supremacia una e insuperável, assente num estratagema ardiloso socialmente arquitetado.

6.3. Características evidenciadas pelo malfeitor mau e seus objetivos (in)confessados no evoluir da intriga

É evidente que o projeto orquestrado pelo tartaruga na prossecução de seus fins maliciosos tinha como meta desiludir o monarca e surripiar deste os necessários e planeados benefícios. Mas a tarefa não se afigurava acessível e urgia a necessidade, na perspetiva do herói, do recurso a alguma astúcia, pormenor em que o tartaruga se revelou, de forma inegável, um hábil estratega. À parte este predicado, a audácia, associada a um instinto cooperativo, foi outra das valências que inculcou com coragem e assertividade nos feitos protagonizados; isto, porque a tarefa era não só difícil, como arriscada: por um lado, os seus segredos poderiam eventualmente ser desvendados por algum transeunte atento, pois como reza a gíria, a mentira tem pernas curtas; por outro lado, poderia perder a honra e as benesses e, pior do que tudo, sofrer a ira e violenta penalização pela parte do monarca, caso não conseguisse honrar a promessa e aposta feitas ao rei.

6.4. Do clímax ao desenlace – a perda de «face» *versus* o triunfo da autoestima

De um modo geral, nos contos tradicionais orais são-tomenses, a refutação categórica pelo monarca, ou pelas autoridades reais, das propostas ardilosas e desafiadoras interpostas pelo célebre tartaruga é o mote inicial que despoleta todo o drama da intriga.

No caso particular do conto em análise, a banalização da figura do tartaruga por parte do soberano assentou em dois pressupostos, um dos quais muito explícito e que consistia no facto natural da vulnerabilidade do herói que, pelo porte minúsculo, à partida jamais estaria em condições de competir, em vantagem ou em pé de igualdade, com o monarca. Um segundo aspeto prende-se com o efeito de ilusão, quiçá atizado pela fúria megalómana e emocional do rei, que não pôde distinguir, no decurso do certame, o seu adversário tartaruga da legião de comparsas (tartarugas também) que, juntamente com este, urdiam a estrondosa maquinação que se saldou na capitulação do chefe da Corte. Com efeito, se o monarca tivesse podido identificar em cada curva do percurso da prova, cada tartaruga atuante, facilmente se desfaria o nó da intriga e, então, inverter-se-ia a dinâmica pragmática – o rei ganharia os postos de comando, enquanto que o tartaruga subjugar-se-ia, fazendo jus aos desígnios preconcebidos do monarca, uma vez que ficaria claro, e à vista de toda a assistência, que não era o verdadeiro tartaruga adversário do rei que se posicionara nas curvas do percurso da prova, eram sim os distintos colaboradores do herói (também tartarugas) que, mandatados por este, serviam de engodo que, fraudulentamente, visava iludir e enganar o monarca – uma conspiração muito bem sucedida.

6.5. A construção da moralidade: um «desafio» psicopedagógico

Mais uma vez se assiste a uma demonstração de o quão um ser minúsculo como o tartaruga é capaz de vencer, através das suas artimanhas o poderoso rei. Trata-se de uma vitória a contento dos fracos e vulneráveis, por oposição aos poderosos. De resto, um pormenor menos louvável tem a ver com a consecução de objetivos e ambições por via da mentira. Tendo em conta que o universo do maravilhoso, sobretudo do conto oral em apreço, convoca uma visão fantástica do real, é forçoso admitir a possibilidade de se colher lições dos factos e fenómenos aleatórios observados, muitos dos quais típicos do mundo terreno e humano, especialmente do quotidiano tradicional e cultural dos são-tomenses. A exemplaridade procurada, quer na audição de narrativas nas noites do nozadu

(velório), quer durante o dia ou nos serões de histórias contadas aos mais novos, tem como objetivo explicar aos leitores, jovens ou adultos, que um verdadeiro homem se distingue no concerto dos semelhantes pela prática do bem, a qual terá implicações positivas e saudáveis na sua existência como ser pensante, humano e civilizado.

7. RESUMO DOS TEXTOS ESCOLHIDOS (O *CORPUS*)

A escolha dos textos que constituem o *corpus* de análise deveu-se, primordialmente, ao facto de incluírem a personagem da tartaruga e pensarmos que poderiam revelar o primado da astúcia e da moralidade associados ao pendor educativo do “contar histórias”.

Em primeiro lugar, um resumo destas histórias poderá ajudar a compreender o propósito do trabalho e os aspetos a salientar:

“A tartaruga e a lebre” (texto 1). Fábula esópica, revela que uma lebre, orgulhosa da sua velocidade natural, desafia a tartaruga matreira a medirem as forças numa competição. Combinado o dia e o local da corrida e partindo ambas ao mesmo tempo, a Tartaruga foi percorrendo lentamente o seu caminho, enquanto a lebre, desprezando as capacidades da concorrente, entreteve-se a descansar à beira do caminho e adormeceu. Quando acordou, vendo que a parceira se encontrava longe da meta, deteve-se ainda a pastar confiante na sua ligeireza natural. Assim que novamente desperta, qual não é o seu espanto, encontra a tartaruga bem perto do alvo e precipita-se então numa corrida infernal, mas a tartaruga matreira alonga os passos e corta a meta, vencendo a partida. Esta fábula prova que muitas vezes o trabalho vence os dons naturais, quando estes são negligenciados.

“A tartaruga manhosa” (texto 2). A Tartaruga, com as suas façanhas de matreira e enganadora, compareceu um dia no palácio do rei. Tinha a ideia de se casar com a princesa, a filha do monarca. O rei afirmou que estava farto da tartaruga e esta conferiu que ninguém se fartava de nada, nem mesmo as galinhas. Fez uma aposta com o rei, em como as galinhas dele, embora fartas, ainda tinham fome. O rei reuniu a corte toda para testar a fraqueza da tartaruga que, segundo ele, iria

passar por imensa vergonha. No dia combinado, os servos trouxeram grande quantidade de milho e bebedouros, as aves comeram que se fartaram. Perante o espanto de todos, a Tartaruga levantou umas toras velhas de madeira cheias de bichinhos e sacudiu-as; as galinhas precipitaram-se para o banquete devorando os animaizinhos e foi assim que a Tartaruga logrou casar com a filha do rei.

“O Tartaruga e os vizinhos” (texto 3). O Tartaruga foi um dia ao palácio visitar o rei. Durante a conversa, disse ao soberano que se este lhe desse um pato e uma pata, um bode e uma cabra, e um galo e uma galinha, no prazo de sete dias daria ao rei mil patas, mil cabras e mil galinhas. O rei duvidou da sua capacidade, o Tartaruga então asseverou que, se no prazo de uma semana devolvesse ao rei as mil patas, galinhas e cabras, receberia a metade do palácio. E se acontecesse o contrário, o rei poderia mandar matá-lo. De regresso à casa, o Tartaruga comeu os animais que lhe dera o rei e disse aos vizinhos que o soberano ia fazer uma grande festa e que cada um deles deveria entregar ao tartaruga mil patas, mil galinhas e mil cabras, sob pena de os mesmos sofrerem a ira do monarca.

Amedrontados, os vizinhos entregaram ao Tartaruga toda a sua criação e quando o número de animais atingiu a quantidade almejada, este, respeitando o prazo de sete dias proposto ao rei, voltou ao palácio com as mil patas, cabras e galinhas e recebeu como recompensa a metade do palácio.

“História da tartaruga” (texto 4). O senhor tartaruga vivia há muitos anos com a mulher, que criava um porco e um cacho de banana-pão destinados à festa da freguesia. O Tartaruga não gostou da ideia porque, segundo ele, ela ia dar de comer aos vadios. Assim, decidiu fingir-se doente, com a artimanha de comer ele próprio tudo quanto ela preparara para o festim. A mulher ficou preocupada com o suposto estado febril do Tartaruga e este aconselhou-a a consultar o seu irmão curandeiro em busca de tratamento. No dia em que ela se deslocou à residência do mesmo, o Tartaruga levantou-se sorratamente, seguiu por um atalho, chegando ao destino muito antes da mulher. Ao chegar ao local, colocou uma máscara e conversou com ela como se fosse o anunciado irmão, dizendo-lhe que o seu marido corria risco de vida e que só se salvaria se lhe levasse um cacho de bananas e um porco assado. O Tartaruga correu de seguida à casa, chegando primeiro que a mulher, que lhe relatou o sucedido. No dia combinado, fingindo-se

muito incomodado, o Tartaruga foi-se arrastando até ao local transportando consigo a carne e banana-pão assados pela mulher. Sentou-se numa pedra e comeu abundantemente, ao que a pedra lhe pediu que lhe desse parte da copiosa merenda. O Tartaruga foi-lhe prometendo que lhe oferecia, mas não cumpriu com o prometido, até que comeu integralmente o porco e a banana. Quando tentou apanhar uma cola, que caía de uma árvore, sentiu-se preso à pedra, que não o largava. Afrito, pediu socorro gritando pelos soldados do rei, que lhe acudissem. De imediato surgiram os soldados que lhe perguntaram quem teria gritado, o tartaruga negou ter sido ele e os soldados retiraram-se. Rogou de novo à pedra que o soltasse, mas em vão. Ouvindo os gritos, os soldados voltaram e o Tartaruga recusou-se novamente a confessar que fora o autor da barulheira e estes advertiram-no que, se tornassem a presenciar o feito, ele sofreria as consequências. Revoltando-se contra a pedra que o aprisionava, chamou outra vez a atenção dos guardas que dessa vez lhe cortaram as nádegas com a faca, o puseram de pé, mataram e racharam ao meio levando uma metade do seu corpo para o palácio e entregando a outra à sua mulher.

“Um grão de milho é o preço de um escravo” (texto 5). Sum Alê, o rei, lamentava muito tristemente os problemas e preocupações da sua vida, que parecia um inferno. Nisto aparece a Tartaruga perguntando-lhe o porquê de tanta aflição. O Rei mostrou-se impaciente pela impertinência da Tartaruga, que se prontificava em ajudar Sua Majestade alegando ser detentora de muitos recursos. Rendido, o monarca confessa que a sua preocupação era que não tinha serviçais para a colheita do cacau que amadurecia nas plantações. A Tartaruga assevera que com um grão de milho conseguiria providenciar-lhe um escravo. O Rei entrega à Tartaruga uma garrafa (lodóma) de milho sob a condição de a enforcar caso não cumprisse o prometido. Aproximando-se de um quintal onde galinhas esgravatavam a terra, deitou ao chão uns grãos de milho e saiu gritando «Qui – da - lê – ô...». A dona de casa aparece, aflita, e a Tartaruga reclama que a sua galinha tinha engolido um anel precioso do rei. Temendo problemas com a autoridade, insta a Tartaruga a levar de imediato a galinha. Agarrando a ave, o réptil dirige-se a um campo onde bois pastavam e atira-a para debaixo das patas de um animal gritando «Qui-da-lê-ô...». Nisto, surge o feitor, que ameaça a

Tartaruga com um bordão e esta defende-se alegando que o boi tinha matado a ave de estimação do Rei. Com medo da justiça, o feitor ordenou à Tartaruga que levasse consigo o quadrúpede e esta, satisfeita, abeirou-se de um trabalhador que fazia cova para plantar bananeiras. Esticando e soltando a corda com que prendia o boi ao pescoço, fez cair o animal no buraco ficando este com uma perna partida. Sai, então, aos berros gritando «Qui-da-lê-ô» e é interpelado pelo administrador da roça Ngumbá que o adverte que só era permitida a entrada na propriedade de senhores e escravos. Responde prontamente a Tartaruga, que o pastor, o serviçal, tinha aleijado o boi de raça do Rei. O administrador aplica valente chicotada ao trabalhador e insta a Tartaruga a entregá-lo à Majestade visto a Curadoria ter-lhe prometido cem bestas para o trabalho. A tartaruga, vitoriosa, conduz finalmente a vítima ao palácio gritando e exclamando ao Rei que afinal um grão de milho era o preço de um escravo.

“O Tartaruga e o Rei” (texto 6). O Tartaruga apostou com o rei que venceria o monarca numa corrida, ainda que este utilizasse viaturas movidas pelos cavalos mais fortes do reino. No dia do desafio, o Tartaruga combinou com os seus amigos tartarugas de modo que cada um deles se colocasse em cada curva da estrada em que se realizaria a prova. Ao iniciar a corrida, o rei, como era mais rápido, pôs-se logo na dianteira e quando dobrou a primeira curva, deparou-se com um tartaruga à sua frente. Na segunda esquina, cruzou-se novamente com animal idêntico diante de si. Ficou muito surpreendido, pois nas sucessivas curvas acontecia o mesmo, até que, na última curva, ultrapassou o último concorrente. Quando, na reta final, se preparava para alcançar a meta, é surpreendido pelo verdadeiro tartaruga que ali se colocara de propósito, e este alonga os passos e vence a partida, recebendo o palácio do monarca e todos os seus bens.

Em segundo lugar, importa registar algumas ideias prévias e parcelares:

Se o primeiro texto representa a forma clássica prosaica e canónica da fábula, os demais consistem em pequenas variações da situação. A segunda narrativa é já uma mistura de fábula com o ser humano e apresenta elementos linguísticos configuradores da marca identitária da variedade do português de São Tomé e Príncipe, designadamente expressões como Sum Alê, ócoli até uzali, e toras de lenha.

No terceiro texto, “A tartaruga e os vizinhos”, também há mistura de fábula, em que animais dialogam com seres humanos, o agente da autoridade é o rei. O herói ocupa o género Masculino e verifica-se que há uma recolha de conto «oral». O texto recorre a recursos expressivos, como a hiperbolização da expressão quantitativa «mil» galinhas, etc. Marcas linguísticas de destaque serão «o senhor rei», fórmula distintiva de tratamento hierárquico do rei, herança dos tempos monárquicos e medievais, muito presente nos contos e sóias da tradição oral são-tomense.

O ante-penúltimo texto, fábula / conto tradicional, em que o imaginário do maravilhoso se alia simbioticamente ao fantástico, apresenta a personificação dos animais irracionais (tartarugas): «Como é que levo isto tudo, mulher?»; a personificação de objetos materiais, como a pedra, que, atuando como forças da natureza, adquirem poderes supra-humanos, personalizam-se e interagem com o protagonista, como, por exemplo, na passagem «Dá-me um bocadinho (...) daqui a nada dou-te um bocado», sendo que o herói comunica, por seu turno, com os soldados reais. A linguagem recheia-se de topónimos, assim como antropónimos culturais, espirituais e míticos. O discurso apropria-se de unidades lexicais e expressões lexicalizadas privativas da variedade linguística do português de São Tomé e Príncipe, como «chê», «Aqui d’el-rei» «Vagi Pôco Lôpa», «piadô záua», «Bencu», «meus companheiros», «almas de outro mundo», «diabo no corpo» «festa de Santa Cruz», «gamela», «Ôkê Mukinki», «Cacá ôôô!...Quê!», «pegar camarões no rio», «juiz festeira», etc. verificam-se um tipo de apartes (teatrais) em que o herói se exprime monologando ironicamente e ludibriando a mulher, com atitudes de assumida «franqueza e honestidade»: «Sozinho? Como é que levo isto tudo, mulher?»; «Vou para a cama, meto-me debaixo da coberta, finjo que estou com muita febre, tremendo, até que ela chegue.» O texto é uma “sóia” que inclui, neste caso, as personagens tartaruga e rei (como protagonistas), pessoas singulares, tais como «a dona de casa», «o feitor», «o administrador da roça Ngumbá» e «o serviçal» (pastor). Alguns animais, tidos como meros figurantes irracionais, designadamente a galinha e o boi, foram utilizados como moeda de troca pela tartaruga, no percurso da sua ambição de cumprir os desígnios do rei e de escapar à força. O papel semântico e pragmático desses

«antropónimos» reside no facto de permutarem funções em cada fase da prova actancial. Ao ser engolido pela galinha, por exemplo, o milho (elemento botânico e cereal) metamorfoseia-se num objeto precioso - pretexto apresentado à dona de casa.

No último texto, «O tartaruga e o rei», tal como no texto «O tartaruga e os vizinhos», volta à ribalta o poder astuto do herói que ludibria o rei com as suas artimanhas vencendo a aposta, e vincando a sua pretensa supremacia.

Uma outra ideia é a de que a tartaruga aparece desde há muito como símbolo de persistência, pois já na fábula de Esopo, retomada por La Fontaine, a tartaruga revela que o esforço pode sobrepor-se ao dom natural. Assim, verifica-se que o trabalho com afinco pode valorizar mais que a capacidade natural o sujeito de tal atitude.

Por outro lado, importa registar que nos restantes textos do *corpus* escolhido, a tartaruga apresenta uma característica adicional, fruto da sua persistência. É astuta e esse facto juntamente com a persistência acaba por fazer dela a vencedora das situações.

Confirma-se por conseguinte a relevância dos contos analisados na medida em que as atitudes encarnadas pela tartaruga nas vestes de um ser irracional, imaginário, se convertem emocionalmente em apelos instintivos desencadeados no subconsciente e consciente humanos, daqueles que escutam ou leem as histórias, chamando-os à razão e à prática do bem e, sobretudo, indicando-lhes o caminho do esforço, do trabalho e da perseverança na consecução dos seus nobres e almejados objetivos.

CONCLUSÕES

Este modesto estudo teve como objetivo fundamental proceder à abordagem comparativa de diferentes contos tradicionais de São Tomé e Príncipe confrontando esta análise com a avaliação de uma fábula esópica, no intuito de serem encontradas similitudes e diferenças que consubstanciem os diferentes papéis encarnados pela tartaruga, que na maioria dos casos investe no estatuto da protagonista nos diferentes enredos.

A nossa atenção principal visou colher os ensinamentos ou a moralidade subjacente aos contos anunciados, numa perspetiva de reconhecer até que ponto a astúcia muitas vezes utilizada pela tartaruga para vencer os seus contendores tinha razão de ser, se constituía uma postura nobre ou se pecava pela desonestidade.

Para esse efeito, começamos por proceder a um estudo analítico exaustivo dos contos considerados; seguidamente procedemos à síntese comparativa dos elementos constitutivos do conjunto de textos avaliados, fazendo ao mesmo tempo o levantamento de palavras e expressões típicas encontradas. De seguida, tecemos algumas considerações sobre o panorama das sóias em São Tomé e Príncipe, concebendo igualmente um aparte relativo à situação e realização linguística no contexto dos contos tradicionais em São Tomé e Príncipe.

Antes de proceder à avaliação comparatista do *corpus* empregue para o efeito e de encontrar os resultados e as conclusões da dita análise, afluíram o percurso evolutivo da história das narrativas orais tradicionais desde os tempos remotos da antiguidade clássica até aos nossos dias, centrando-nos no caso fulcral do nosso trabalho respeitante à literatura tradicional oral são-tomense, encerrando a nossa análise com o conceito de moralidade e o primado da astúcia e o pendor educativo verificados na atuação de personagens como a tartaruga, no decorrer da intriga e das peripécias presentes nas sóias e nos contos tradicionais.

Deixámos por analisar detalhadamente o conjunto de contos que constituem o nosso Anexo II, dado que este grupo de textos foi, na quase totalidade, recolhido durante o processo de realização da presente dissertação. Decidimos, no entanto, transcrevê-los para os divulgar e para conservar este património nacional oral. Constitui exceção a esta situação o conto «História do rei e do gigante». As narrativas não foram objeto de estudo por não incluírem a tartaruga como personagem, embora veiculem outros aspetos culturais e tradicionais considerados importantes.

Bibliografia

Ativa:

- Contos Tradicionais da CPLP* (2014). Comunidade dos Países de Língua Portuguesa. URL: <https://www.cplp.org/id-4547.aspx>
- Contos Tradicionais Santomenses* (1984). Direcção Nacional da Cultura de São Tomé e Príncipe realizada com o apoio da UNICEF. Editorial Caminho, SARL. Portugal
- Esopo (1996). A tartaruga e a lebre. Trad. Ana Paula Quintela. In V. Vouga (Coord.) *Antologia de Literatura Portuguesa*. Universidade do Porto. URL: <https://web.letras.up.pt/vvouga/Antologia.htm>
- Santo, C. E. (2000). *Tipologias do conto maravilhoso africano*, Cooperação.
- Semedo, B. M. C. (1843). *Tradução Livre Das Melhores Fábulas De La Fontaine*, Typ. de L.C. Da Cunha, pp. 252-255.

Passiva:

- Araujo, G. e Hagemeyer, T. (2013). *Dicionário livre santome/ português*. Hedra
- Bettelheim, B. (2018). *Psicanálise dos contos de fadas*. Bertrand Editora.
- Bragança, A. (1999). Tradição oral: memória colectiva e literatura. *Mar além. Revista de cultura e literatura dos países africanos de língua oficial portuguesa*, (N.º 0), 115-118.
- Bragança, A. (1997), *Rosa do Riboque e Outros Contos*, Editorial Caminho.
- Chevalier, J. & Gheerbrant, A. (1982). *Dictionnaire des symboles, mythes, rêves, coutumes, gestes, forms, figures, couleurs, nombres*. Edition revue et augmentée. Robert Laffont / Jupiter.
- Cintra, L. F. L. (1986). *Sobre «formas de tratamento» na língua portuguesa*. Livros Horizonte.
- Ducrot, O. e Todorov, Tzvetan. 1982. *Dicionário das Ciências da Linguagem*. Publicações Dom Quixote.
- Faria, F. N. (2018). Ética Evolutiva. In A. Marques e A. S. Campos (coords.), *Dicionário de Filosofia Moral e Política, 2.ª série*, Instituto de Filosofia da Nova, URL: <http://www.dicionariofmp-ifilnova.pt/etica-evolutiva>
- Haverkate, H. (1994). *La cortesía verbal: estudio pragmatolingüístico*. Gredos.
- Henriques, I. C. (2000). *São Tomé e Príncipe, a invenção de uma sociedade*, Vega.
- Mata, I. (1998). *Diálogo com as Ilhas. Sobre cultura e literatura de São Tomé e Príncipe*, Edições Colibri.
- Morais, A. P. (coord.) (2008). *A Fábulas na Literatura Portuguesa: Catálogo e História Crítica*. URL: [https://www.memoriamedia.net/fabula/index.php_\(cons_em_12/10/2023\)](https://www.memoriamedia.net/fabula/index.php_(cons_em_12/10/2023)).
- Peres, J. A. & Mória, T. (1995). *Áreas críticas da língua portuguesa*, Editorial Caminho.
- Pontífice, F. (2002). São Tomé e Príncipe: breve caracterização do quadro linguístico. In M. H. M. Mateus (org.), *Uma política de língua para o português*, Edições Colibri.
- Propp, V. (1995), *Morfologia do conto*, Vega.

- Santo, A. E. (2021). *Soya di Tataluga ku Tluki-sun-Dêsu / Estória da tartaruga e do Tluqui Sum Deçu*. Falas Afrikanas.
- Silva, S. G. & Jamshid, J. T. (2016). Comparative phylogenetic analyses uncover the ancient roots of Indo-European folktales. *Royal Society Open Science*. 3. DOI: <https://royalsocietypublishing.org/doi/10.1098/rsos.150645>
- Silva, S. G. (2016). *Moralidade e emoção*. Routledge.
- Silva, V. M. A. (1999). *Teoria da literatura*. Livraria Almedina.
- Timbal-Duclaux, L. (1997). *Guia técnico da escrita criativa. Eu escrevo contos e novelas*. Pergaminho.

ANEXO I – O Corpus

A tartaruga e a lebre

Uma tartaruga e uma lebre questionavam qual delas era mais veloz. E, depois de terem, por essa razão, combinado dia e local [para uma corrida], afastaram-se. A lebre despreocupada, por causa da sua velocidade natural, deitando-se na berma do caminho, adormeceu. A tartaruga, porém, consciente da sua lentidão, não parou de correr e, tendo, assim, ultrapassado a lebre adormecida, alcançou o prêmio da vitória.

A fábula mostra que, muitas vezes, o trabalho vence os dons naturais, quando estes são negligenciados. (Esopo, 1996)

A Lebre e a Tartaruga

Apostemos, disse á Lebre
A Tartaruga matreira,
Qu'eu chego primeiro ao alvo,
Do que tu, qu'és tão ligeira.
Cala a boca, toleirona,
Lhe disse a Lebre mofando,
Ou tens perdida a cabeça,
Ou comigo estás zombando.
Respondeo-lhe a Tartaruga:
Nisso me dás a entender,
Que receias apostar;
Porque não queres perder.
Pois tu vã, qu'és huma lesma,
Queres competir co'a Lebre?

Isso he doença, estás varia,
Provem do efeito da febre;
Eu que por huma charneca
Corro dos Galgos em frente,
Qu'os canço, sem quqe me possão
No lombo ferra o dente;
Havia temer a quem
Gasta hum'hora em dar hum passo?
Retrucou-lhe a Tartaruga
Com todo o desembaraço:
Leva, amiga, de bazofias,
Desculpas não valem nada;
Se tem medo não aposte;
Porem dê-se por cangada.
Ando no mar, e na terra;
Sei muito bem o qu'e mundo;
Propuz-me a'postar comtigo
Porque sei no que me fundo.
Pois vá feito, diz a Lebre;
E aquelle velho sobreiro
Seja a meta, e leve o premio
A que chegar lá primeiro,
De juiz não precisamos;
Porqu'eu na meta vou pôr
As apostas, que serão
Da primeira que lá for.
Eis vai cumprir o qu'ajusta,
E volta n'hum breve prazo;
Não digo o que foi a'posta,
Porque isso não vem ao caso.
Dado o signal da partida,
Estando as duas a par,

A tartaruga começa
Lentamente a caminhar;
A Lebre tendo vergonha
De correr diante della,
Tratando huma tal victoria
De peta, ou bagatela,
Julga, cheia de vaidade,
Qu'inda tempo lhe sobeja,
Se entrar a correr, já quando
Perto do sobreiro a veja;
Deita-se, e dorme o seu pouco;
Ergue-se, e põe-se a observar
De que parte corre o vento.
E depois entra a pastar;
Eis deita huma vista d'olhos
Sobre a caminhante sorna,
Inda a vê longe da meta,
E a pastar de novo torna,
Olha; e depois qu'a vê perto,
Começa a sua carreira;
Mas então apressa os passos
A Tartaruga matreira;
À meta chega primeiro,
Apanha o premio apressada,
Pregando á Lebre vencida
Huma grande surriada.
Não basta só haver pósses
Para obter o qu'intentamos:
He preciso pôr-lhe os meios,
Quando não atrás ficamos:
O contendor não desprezes
Por fraco, se te investir;

Porqu'hum anão acordado
Mata hum gigante a dormir.
(Semedo, 1843, pp. 252-255)

A tartaruga manhosa

Vida de Tartaruga não presta. Sempre a enganar todo o mundo, sempre a tentar ludibriar e sempre criando inimigos.

Um dia a Tartaruga pensou casar com a filha do Rei. Entrou de mansinho no palácio do Rei.

- Sum Alê, Sum Alê...

- Vai-te embora, Tartaruga! Estou farto de ti.

- O senhor não se farta de mim. Nenhum homem, nenhum animal se farta.

Quanto mais come, mais quer comer todos os dias.

- Desaparece, mofino!

A Tartaruga senta-se num banquinho encosta-se à sombra de uma árvore.

- Vai ficar até morrer, Tartaruga?

- Estou a espera da minha oportunidade.

- Então podes ficar aí até envelheceres.

- Sum Alê, Sum Alê, olha que galinha nunca se farta de comer.

- Que diabo, Tartaruga! Na minha capoeira todas as galinhas comem bem. Aqui não há fome. A Tartaruga calou-se e depois voltou a carga.

- Quer uma aposta? Se tu perder, o senhor Rei pode-me mandar matar...

- E se ganhares?

- Venho viver no palácio.

- Estás maluco?

- Se ganhar, a princesa sua filha será minha mulher.

O rei riu-se em grandes gargalhadas e mandou reunir toda a corte. Lá ia divertir-se à custa da Tartaruga. Mandou soltar todas as galinhas das suas cem capoeiras. Os servos trouxeram grandes cestos de milho e bebedouros. Toda a

gente sentada em redor aguardava. A criação comeu, comeu até não poder mais, começando a dormir mesmo com dia claro, estendida no solo, sem sequer subir no poleiro. A Tartaruga levantou-se e tirou dum cesto grande, duas toras de lenha, muito velhas e carcomidas, cheias de mil bichinhos, desde ócólí até uzali, e começou a sacudir ruidosamente as toras de lenha no chão. As galinhas despertaram e avançaram para o banquete. A Tartaruga, ufana, exclamou contente:

- Minha miséria acabou! Galinha farta, comida variada nunca rejeita... e eu agora; o rei é meu sogro! (*Contos Tradicionais da CPLP*, 2014, p. 41)

O tartaruga e os vizinhos

Conto que ouvimos narrar desde a infância

O tartaruga foi ao palácio visitar o rei. A dado passo da conversa, disse ao soberano:

- Se o senhor rei me der um pato e uma pata, um galo e uma galinha, um bode e uma cabra, daqui a sete dias hei-de trazer-lhe cá ao palácio mil patas, mil galinhas e mil cabras.

Respondeu o rei:

- Não é possível fazeres isso!

- Se eu lhe trouxer mil patas, mil galinhas e mil cabras no prazo de sete dias, o senhor rei dar-me-á a metade deste palácio. Se, porventura, não lhas trouxer, poderá mandar matar-me.

O rei concordou e o tartaruga saiu do palácio com um galo e uma galinha, um bode e uma cabra e um pato e uma pata que o rei lhe deu, levou-os para casa e comeu-os.

No dia em que expirava o prazo do acordo, o tartaruga foi à casa dos vizinhos e disse-lhes:

- O senhor rei vai dar uma grande festa no palácio. Toda a gente sem exceção, tem que me entregar galinhas, patas e cabras para que eu as leve ao festim. Quem proceder ao contrário, sofrerá a ira do rei.

Os vizinhos, que ficaram amedrontados, foram buscar todos os animais que possuíam e entregaram-nos ao tartaruga. Quando ele conseguiu obter mil galinhas, mil patas e mil cabras, levou-as ao palácio, entregou-as ao rei e recebeu a metade do palácio.

(Santo, 2000, p. 181)

História da tartaruga

A senhora Tartaruga vivia com o senhor Tartaruga havia já muitos anos. Um dia, foi convidada a ser juiz festeira de uma festa regional.

Para isso, ela criou um porco enorme e uma grande pinha de banana-pão para a tal festa.

O senhor Tartaruga levantava-se todos os dias, olhava para o referido porco e para a pinha de banana e «engolia a saliva».

Um dia, a senhora Tartaruga foi ao mato arranjar lenha e o senhor Tartaruga ficou em casa.

O Tartaruga – Então eu em casa com fome e a mulher vai criar um porco tão grande e uma pinha de banana para encher a barriga aos outros? E eu? Não! Isso não pode ser. Tenho de arranjar maneira de comer esta banana, bem como o porco. Mas o que devo eu fazer para?... espera aí! Já sei! Vou para a cama, meto-me debaixo da coberta, finjo que estou com muita febre, tremendo, até que ela chegue.

Dito e feito. O Tartaruga foi para a cama, meteu-se debaixo da coberta e começou a tremer, tal como ele havia pensado.

O Tartaruga – Estou tremendo muito... tenho muito frio... ai que eu morro!...

A Tartaruga, que tinha acabado de chegar do mato, meteu-se debaixo da varanda, pôs lá a lenha e... entretanto ouviu-o gemer no quarto.

O Tartaruga – Hummm! Hummm! Hummm!... Ai!... Aqui d'el-rei!...

A Tartaruga (entrando no quarto) – O que é isto, rapaz? O que te aconteceu?

O Tartaruga – Ai... ai que eu morro...

A Tartaruga – Chê! Credo! Valha-me Deus!...

O Tartaruga – Estou muito doente!... Tenho muito frio!... Ai!...

A Tartaruga – Espera que vou chamar o médico.

O Tartaruga – Não, não! O médico, não!...

A Tartaruga – Então, o que é que quer que eu faça?

O Tartaruga – Quero que vás ter com o meu irmão. Ele mora no Vági Pôcô Lópa. É piadô záua³. Dou-te a urina e levas para ele examinar. Mas vais pelo caminho do mato para não seres vista por ninguém.

A Tartaruga – O caminho do mato fica muito longe. Por que razão não posso ir pela estrada?

O Tartaruga – Nunca! Não quero que sejas vista por ninguém. Não quero que alguém saiba que estou doente.

A Tartaruga arruma a carga, pega no frasquinho da urina, e sai.

O Tartaruga levanta-se, espreguiça-se, veste-se e sai a correr, passando por um atalho, rumo a Vági Pôcô Lópa.

É claro que chegou antes da mulher. Ele senta-se, põe uma máscara e espera que ela chegue.

Momentos depois ela aparece.

A Tartaruga – Bom dia, senhor. Quem é o senhor?

O Tartaruga (disfarçado) – Sou um grande «piadô záua». Chamo-me Bencu, irmão do senhor Tartaruga.

A Tartaruga – Oh! Não o conheço, mano.

O Tartaruga – Sou o irmão mais velho. Então, o que é que quer por aqui?

A Tartaruga – O meu homem está doente. Levantou-se esta manhã a tremer que é uma coisa louca, queixando-se de frio, dizendo que vai morrer... enfim!

O Tartaruga - A mana traz a urina?

³ Piadô záua: nome pelo qual os curandeiros são conhecidos em S. Tomé.

A Tartaruga – Sim, trago. Ei –la.

O Tartaruga – Dá-ma. Mhm!... mhm!... ui!... Eh, pá... O meu mano não está nada bem. Por que é que a mana o deixou piorar assim? Se Deus quiser, ele há-de ficar melhor. Vamos experimentar. Mas ele há-de ficar melhor. O maior problema é que não sei se o que lhe vou pedir será fácil de me trazer.

A Tartaruga – O que é, mano? Diga-me!

O Tartaruga – É que o meu irmão tem diabo no corpo. E este diabo só poderá sair se a mana arranjar um porco grande e uma pinha de banana-pão, tudo isto assado. Mas ele é que mo há-de trazer, sozinho. Pois peço aqui aos meus companheiros (almas de outro mundo) para o irem buscar no caminho.

A Tartaruga (pensando na pinha de banana-pão e no porco que ela tinha guardado para a festa) – Tenho apenas uma pinha de banana-pão e um porco que guardei para a festa de Santa Cruz...

O Tartaruga – Não sei. A mana é que sabe. Ou a festa ou o meu irmão.

A Tartaruga – É! Vou abandonar a festa para tratar da saúde do meu homem.

O Tartaruga – Então vá enquanto é tempo e faça o que eu lhe pedi. Mas ouça, quando a mana assar o tal porco e a tal banana, ponha-os numa gamela, ajude-o a pôr isto tudo na cabeça e ele faz um pequeno esforço para levar isto, ele sozinho, ao Ôkê Mukinki, pois eu e os meus companheiros estaremos lá à espera dele. Ouviu, mana?

A Tartaruga – Sim.

Ela despediu-se, pôs a carga à cabeça e saiu. Enquanto isso acontece, o Tartaruga tira a máscara, sai a correr passando por um atalho, e chega, é claro, mais cedo do que a mulher.

Mete-se logo na cama, muito satisfeito, enfiando-se no meio do lençol.

Quando ouviu a voz da mulher a entrar, começou logo a gritar e a gemer.

O Tartaruga – Cacá ôôô!... Quê! Não aguento isto! Íjjj...íjjj...

A Tartaruga, ao entrar, muito atrapalhada, ouve a seguinte pergunta:

O Tartaruga – Maria, o que é que o mano disse?

A Tartaruga – Ele disse que estás doente porque tens diabo no corpo. Para ficares melhor terás de levar um porco assado e uma pinha de banana-pão

também assada que é para ele te fazer tratamento. Mas terás de ir sozinho com isto tudo na cabeça até Ôkê Mukinki, que ele estará lá à tua espera.

O Tartaruga (fingindo) – O quê? Sozinho? Como é que levo isto tudo, mulher? Achas que eu neste estado posso carregar semelhante carga tão pesada?! Oh! Valha-me Deus!

A Tartaruga – Tu fazes um pequeno esforço. Bem, vou à cozinha, que já não é cedo.

Entretanto, ela dirige-se ao curral. Tira o referido porco, manda alguém matá-lo e vai cortar a banana. Descasca-as todas e assa-as. Ela assa também o porco, enquanto o Tartaruga se mantém na cama, deveras satisfeito. O cheiro que a carne deitava fazia crescer a água na boca do Tartaruga.

O Tartaruga (na cama) – Sim, senhor! Vou comer-te esta carne toda, assim como as bananas. Então eu com fome, vais criar grande porco e tamanha pinha de banana-pão para ires dar de comer aos vadios? Onde é que viste isso?

Pouco tempo depois, a Tartaruga entra com toda essa carga, e diz ao Tartaruga: - Levanta-te. Faz um pequeno sacrifício. Já está tudo pronto. Levanta-te. Eu ajudo-te a levar até ao quintal.

O Tartaruga (fingindo) – Caramba! Não me tenho nas pernas?! Estou muito fraco.

A Tartaruga – Agarra-me. Tem coragem, vamos.

Eles desceram as escadas. Chegando ao quintal, o Tartaruga despediu-se da mulher.

Foi andando, aos ziguezagues, até que se perdeu de vista. Quando olhou para trás e não viu ninguém, acelerou os passos até que chegou ao local desejado e aí pousou a carga no chão.

O Tartaruga – Sim, senhor! Já cheguei! Custe o que custar, vou comer este porco e esta banana-pão! E tenho tanta fome!... Oh! Olha uma pedra! Vou-me sentar aqui mesmo sobre ti, para eu comer a minha carne e a minha banana. Mhmm, Mhm! Que cheirinho!...

Começou a comer. A fome que tinha era tanta que nem se pode calcular. Antes de acabar de comer uma coxa de porco, a Pedra chama-o:

A Pedra – Então, ó Tartaruga, vais comer tudo isto sozinho? Dá-me um bocadinho!

O Tartaruga – Ainda agora comecei a comer, já me estás a chatear? Espera, ainda há muita comida. Espera, daqui a nada dou-te um bocado.

O Tartaruga ficou nisto até que comeu tudo. Nem os ossos ficaram. Minutos mais tarde caiu uma cola.

O Tartaruga – Oh! Caramba! Vou apanhar-te. Vou descascar um bago dos teus, saboreio-o, vou à grotta, bebo uma pinga de água, durmo, e depois é que vou para casa.

Entretanto, procura levantar-se e não consegue. Fica preso na Pedra.

O Tartaruga – Oh! Que é isto? A Pedra prendeu-me, ou quê? Oh! Ó Pedra, larga-me.

A Pedra – Não te largo.

O Tartaruga – Oh! Se não me largas, eu grito.

A Pedra – Não te largo.

O Tartaruga – Aqui d’el-rei!... Soldados do rei, acudam-me!...

De repente, os soldados aparecem, perguntando:

Soldado – Quem é que gritou aqui d’el-rei, aqui?

O Tartaruga – Não sei. Estou aqui há muito tempo mas não ouvi nada.

Os soldados foram-se embora.

O Tartaruga (falando para a Pedra) – Estás a ver? Ó Pedra, larga-me!

O Tartaruga, por mais que lutasse, a Pedra não o largava.

O Tartaruga - Aqui d’el-rei!... Soldados do rei, valei-me!...

De novo, os soldados aparecem.

Soldados – Mas quem é que está gritando aqui, afinal? Não é você?

O Tartaruga – Eu? Não! Isto deve ser crianças que estão a pegar camarões no rio. Eu não fui.

Soldados – Fica já avisado, hem! Se tornarmos a ouvir o grito, vai ver o que lhe vai acontecer.

Fingiram ir-se embora e esconderam-se no mato, perto do Tartaruga.

Tartaruga – Larga-me, ó Pedra, larga-me. Aqui d’el-rei!...Soldados do rei... socorro!...

De repente, os soldados, altamente furiosos, aparecem.

Soldados – Ó Tartaruga, não és tu mesmo que andas aqui a gritar?

Tartaruga – Não. Eu não!

Soldados – Tu mesmo. Tu mesmo. Daqui vamos mostrar-te quem somos nós.

Os soldados cercaram o Tartaruga, cortaram-lhe as nádegas com a faca, puseram-no de pé, mataram-no, racharam-no ao meio, mandaram uma parte ao palácio e a outra metade foi entregue à sua mulher.

(*Contos tradicionais santomenses*, 1984, pp. 21-34)

Um grão de milho é o preço de um escravo

No fabulário santomense, a Tartaruga surge como um promotor de todas as façanhas e artimanhas, que denunciam uma arbitrariedade. É apresentada como falso herói que deverá ser desmistificado pelos auditores.

As protagonistas normais das «sóias» em que intervém a Tartaruga são, geralmente, a Tartaruga e os símbolos da Autoridade: o Rei (Sum Alê), o Soldado (Sòdé) e os outros animais, contendo eventualmente seres humanos.

Sozinho está Sum Alê, deitando contas à vida.

- Que inferno de vida! O cacau está a estragar-se todo na roça. Desgraça... Só desgraças é que me acontecem... Tenho falta de mão-de-obra.

A tartaruga, entrando com ar chocarreiro, indaga:

- Tanto barulho, Sum Alê? Posso valer-lhe?

- Deixa-me em paz, bicho malvado.

- Sum Alê, bem sabe que eu tenho sempre muitos... recursos.

Batendo impacientemente os pés no chão, olhos despedindo raiva e aborrecimento, Sum Alê deixa escapar com fúria:

- Desaparece. Desaparece. Desaparece depressa da minha frente. Estou farto de te aturar..

- Bem, bem, vou retirar-me, que aqui vai haver trovoada.

A Tartaruga simula uma retirada em fuga.

- Não te vás embora... Escuta...

- Eu escuto sempre porque sei que Sum Alê é sempre muito... generoso.

- Tu não vês que o cacau está maduro e não tenho serviçais para a colheita?

- Um grão de milho apenas é o preço de um escravo. Dê-me um grão de milho.

- Não estou para graças, ouviste?

- Nunca falei mais sério, senhor.

- Se me intrujas, não haverá perdão. Serás enforcada na Praça Pública.

Enquanto falava, Sum Alê entregou à Tartaruga uma garrafa cheia de milho.

Chocalhando a lodóma (garrafa) lá foi a Tartaruga, pela estrada fora, disposta a cumprir o prometido.

Tendo chegado a um quintal, onde galinhas esgravatavam a terra, atirou lá para dentro uns grãos de milho.

De repente, desata aos gritos:

- Qui-da-lê-ô... qui-da-lê-ô...

A dona de casa aparece, aflita, a saber o que se passa:

- Que aconteceu, mofino?

A Tartaruga aponta uma galinha e, em tom lastimoso, vai dizendo:

- Aquela galinha comeu um anel precioso do senhor Rei.

- Leva depressa a galinha que não quero problemas com a justiça.

A Tartaruga agarra rapidamente a galinha e sai a cantar.

- Lá lá ri lá lá. Lá lá lá lá lá.

Dirige-se em seguida para um campo onde os bois da roça quilonga pastavam, descuidados, e atira a galinha para debaixo das patas de um bovino e desata a gritar de novo:

- Qui – dá - lê-ô... Qui – dá-lê-ô...

Aparece o feitor, carrancudo, ameaçando a Tartaruga com um bordão.

A Tartaruga esquiva-se do bordão e vai-lhe dizendo:

- Vai brincando, vai brincando, que depois brincas com sua Majestade...

O feitor, atrapalhado, pergunta:

- O que se passa? Fala já depressa, que eu não tenho paciência.

- O imbecil daquele boi matou a ave de estimação do senhor Rei.

- Por um boi eu não quero perder a minha situação. Leva o boi contigo, porque a minha manada é numerosa.

Com o boi preso por uma corda ao pescoço a Tartaruga segue o seu caminho, pensando:

«Isto vai melhor do que imaginas.»

Mais adiante, um trabalhador fazia covas para plantar bananeiras.

A Tartaruga estica a corda que prendia o boi, larga-o e o animal cai desamparadamente dentro da cova, partindo uma perna.

O alarido da Tartaruga cresce de intensidade:

- Qui-dá-lê-ô... Qui-dá-lê-ô...

O administrador da roça Ngumbá, que passava a cavalo, estaca a montada e olha sobranceiramente a Tartaruga, interpelando-a:

- Tu não sabes que na minha roça só entram senhores e escravos?

- Pois é, pois é... Mas acontece que aquele serviçal, pastor, aleijou o boi de raça do senhor Rei.

O administrador dá uma valente chicotada no trabalhador e diz:

- Entrega este animal ao Rei, porque a Curadoria prometeu-me mais cem bestas para o trabalho.

A Tartaruga, empurrando a vítima, entra no palácio, gritando:

- Sum Alê, Senhor, afinal, um grão de milho é ou não é o preço de um escravo?...

(*Contos tradicionais santomenses*, 1984, pp.53-60)

O tartaruga e o rei

O tartaruga desafiou o rei a uma aposta pela qual venceria o monarca numa corrida afirmando que, ainda que o rei se deslocasse de automóvel e ele a pé, jamais o soberano ganharia a prova, e que em caso de derrota, ficaria com toda a fortuna do monarca, incluindo o palácio.

Marcado o dia da competição, o tartaruga combinou com vários amigos seus (tartarugas também) e pediu-lhes que na data e hora do certame cada um se posicionasse em cada uma das curvas que existiam no percurso da prova. Dito e feito. No dia combinado, o rei partiu para o combate firme e confiante que teria a tarefa mais fácil do mundo, pois sabia de antemão que, pela sua lentidão, jamais o tartaruga seria capaz de o derrotar. Com a carruagem a ser puxada pelos cavalos mais fortes e velozes do reino, ao dobrar a primeira curva o rei depara-se com um tartaruga, que seguia pela sua frente. Na segunda esquina, defronta-se outra vez com um animal idêntico diante de si. O rei nem quis acreditar, mas continuou a luta, e sempre que se aproximava de uma nova curva, a figura ameaçadora de um tartaruga caminhando diante dele deixava-o muito triste e envergonhado. No entanto, quando ultrapassou o último tartaruga na curva final, uma enorme alegria invadiu-lhe o rosto e encheu-se de esperanças na infalível vitória. Mas, para o seu espanto, ao entrar na reta final é surpreendido pelo verdadeiro tartaruga, que ali se havia colocado de propósito, e este corta triunfalmente a meta, vencendo o monarca e apoderando-se do seu palacete e de todos os seus bens.

(A. P. Leite, comunicação pessoal, 26 de maio de 2024).

ANEXO II – Outras recolhidas

O pescador, o peixinho e a lagaia

Após ter regressado da faina do mar, um pescador sentou-se numa pedra, no litoral e pôs-se a contemplar a praia e as ondas. Entre dois rochedos, havia um peixinho que distraidamente se tinha afastado do curso de água e lutava desesperadamente para voltar ao mar. Perante a aflição do animal, que se encontrava à beira da morte, o pescador agarrou nele e lançou-o de volta ao oceano, salvando-o. Passaram-se anos e anos. Num outro dia, quando o marinheiro navegava no alto-mar em busca de peixe, uma onda enorme atingiu a sua canoa fazendo-a capotar, o pescado espalhou-se pelo mar e o próprio pescador corria o risco de afogar debatendo-se em vão com as vagas que o sufocavam. Foi nessa ocasião que apareceu o «peixinho», que então já se tornara enorme e «adulto», que propôs ao infeliz que subisse ao seu dorso para que o mesmo o pudesse levar de volta à praia. O pescador montou nas costas do peixe, mas, em vez de este tomar a direção da praia, foi-se afastando mais e mais, para lá do horizonte, supostamente para matar e comê-lo. Enquanto isto, o peixe perguntava ironicamente e em voz alta à lagaia, que se encontrava perto da praia:

- Lagaya-ê... ngê ka fe bem, kê kwa ku a ka page kwê?! (Senhora lagaia, com o que é que devemos pagar a quem nos faz bem?)

Percebendo a intenção maliciosa do interlocutor e disposta a solidarizar-se com o pescador, a lagaia respondeu prontamente que escutara o que o peixe lhe dizia mas afirmou fingidamente que não entendia, aconselhando-o a aproximar-se da praia, de modo a poder ouvi-lo melhor. O peixe seguiu as ordens da lagaia e, assim que os dois se abeiraram da praia, o pescador saltou de repente das costas do «companheiro» para a areia. Muito indignado e com cara de maus amigos, o peixe praguejou e voltando-se para o pescador, gritou «Ton ganabô!!!» (Ainda bem que te safaste dessa!... Se não, verias o que te acontecia!!!) e foi-se embora. São e salvo, o pescador dirigiu-se à lagaia nos seguintes termos:

- Lagaya-ê... Kê kwa n'ga paga bô kwê? (Senhora lagaia, com o que é que lhe posso pagar pelo bem que me fez?).

Ao que a lagaia retorquiu:

- Ganhã! (Dê-me galinhas!).

- Meu Deus! Aonde vou arranjar galinhas a esta hora da noite?! – perguntou, ansioso e preocupado, o pescador.

- Vá ali àquela quitanda! – sugeriu, interessada, a proponente.

O pescador dirigiu-se imediatamente à loja mais próxima e pediu ao proprietário que lhe vendesse as ditas galinhas. O dono quis saber para quem seriam as aves e o marinheiro confessou ser a lagaia, pelo que aquele negou vender-lhas alegando que a lagaia deveria deslocar-se pessoalmente à loja e comprar as suas galinhas. O pescador não teve outra solução, senão voltar à praia e contar à amiga o sucedido. A lagaia tomou então as rédeas da situação; recebeu do pescador o dinheiro necessário para a compra e lá foi, decidida, em direção à quitanda. Ao aproximar-se do balcão da loja, a lagaia nem teve o tempo de pronunciar o que pretendia comprar, pois o vendedor, mais rápido do que o vento e implacável como um furacão, pegou na espingarda e apontando à cliente, disparou um tiro, e a pobre lagaia caiu morta e aniquilada.

(A. P. Leite, comunicação pessoal, 26 de maio de 2024).

A carteira desaparecida

Era uma vez um homem que tinha perdido a carteira contendo vários documentos e uma quantia de 1000 dobras em dinheiro. O sujeito ficou tão aflito, que quase ia perdendo a cabeça. Procurou por todos os cantos e não conseguiu localizar os pertences. Perguntou a todos os moradores da localidade, mas ninguém lhe soube apontar o paradeiro da preciosa carteira. Nisto, anunciou o ocorrido na seção de perdidos e achados da rádio local, prometendo a gratificação de 100

dobras a quem tivesse encontrado a carteira e os documentos. Passados alguns dias, um achador localizou os objetos perdidos e prontamente foi entregá-los ao proprietário. No momento da entrega, o dono, que era avarento, retirou disfarçadamente do montante entregue o valor de 100 dobras, que guardou consigo, e disse ao achador que o mesmo não tinha direito à recompensa exigida, porque alegadamente só lhe devolvera 900 dobras. O caso levantou tal celeuma, que foi parar à barra do tribunal. O juiz ouviu atentamente ambas as partes e pelos depoimentos do achador, pôde depreender que este estava imbuído de toda a razão. Não havendo nada a acrescentar, perguntou ao proprietário:

- Meu senhor, diga-me com toda a franqueza, qual foi o montante desaparecido?

- Foram mil dobras, Meritíssimo Juiz. – respondeu o proprietário.

- E quanto lhe devolveu o achador? – ripostou o Magistrado.

- Apenas 900 dobras. – concluiu.

- Pois é, se diz que perdeu 1000 dobras, quer isto dizer que o valor achado de 900 dobras não lhe pertence, tem de aguardar pelo verdadeiro achador que certamente será outra pessoa. – disse, com autoridade, o juiz, que deu por encerrada a sessão, entregando a quantia de 900 dobras ao achador presente na sala de julgamento que, pelos vistos, tinha toda a razão.

(A. P. Leite, comunicação pessoal, 26 de maio de 2024).

História do rei e do gigante

Havia um rei cego, que vivia em sua casa durante muitos anos. Tinha uma filha, a princesa, que vivia no 12.º andar, num apartamento de vidro.

Como não havia meio de ele se sentir melhor, apesar de vários tratamentos, decidiu mandar chamar um gigante que vivia numa floresta existente naquela terra.

O gigante tinha uma torneira que deitava apenas uma gota de água por ano.

Com uma só gota daquela água o gigante conseguiu curar o rei e este passou a ver melhor do que via antes de ter ficado cego.

Muito satisfeito, ofereceu ao gigante uma casa cheia de moedas de ouro, oferta que foi recusada.

Prometeu-lhe metade do seu palácio, o que também o gigante não aceitou. Então o rei perguntou-lhe o que queria. A resposta foi que queria a princesa que vivia no apartamento de vidro.

O rei pensou, pensou... e disse-lhe que aguardasse um pouco.

O referido rei tinha três filhos: um morava numa zona como Santo Amaro, por exemplo; outro, como em Guadalupe; o último, como em Neves. Assim, ele não tinha na altura ninguém a quem pedir conselhos.

O gigante esperou tanto que ficou aborrecido. Entretanto voltou dias mais tarde.

Discutiram, discutiram e, como a palavra do rei é sagrada, o gigante pegou na princesa, meteu-a num saco e saiu.

Eles andaram, andaram... e quando a princesa verificou que estava perto da casa do seu irmão Mé Pó, pôs-se a cantar:

Mano Mé Pó

Mano Mé Pó

Aquele senhor

Que foi ao palácio

Curar o papá...

O papá deu-lhe uma casa

Cheia de moedas

Ele não quis

Deu-lhe metade do palácio

Também não aceitou

A não ser eu

Princesa da casa de vidro

Ao ouvir isto, o gigante pergunta-lhe:

- Por que estás a cantar, menina?

Ela responde:

- Estou cantando para arrefecer o tempo. Para mais depressa chegarmos à casa.

Mé Pó, ao ouvir a canção, disse à mulher que ia até à estrada, pois estava ouvindo uma voz muito parecida com a da irmã, que vivia no palácio, numa casa de vidro.

A mulher disse-lhe que era mentira e que devia ser uma das suas amantes que estava a chamá-lo.

Sendo Mé Pó um homem que ouve sempre o que diz a mulher, deixou-se estar.

O gigante e a moça deixaram Santo Amaro e continuaram a viagem. Quando ela se apercebeu de que estava perto da casa do irmão Mé Poçon, em Guadalupe, começou a cantar de novo, contando-lhe o que se passara.

Mé Poçon ouviu a canção, chamou a esposa e disse-lhe que ia à estrada, porque ouvira uma voz parecida com a da irmã que vivia no palácio, numa casa de vidro. Ela disse-lhe que não, pois devia ser uma das suas amantes quem o chamava. Como Mé Poçon, tal como o irmão, ouve sempre o que a esposa diz, acabou por não sair mais.

A viagem continuou e a princesa, pouco tempo depois, verificou que estava perto da casa do irmão Kilambu e começou novamente a cantar, contando-lhe tudo.

Desta vez a esposa é que ouviu a voz; chamou Kilambu e disse-lhe que estava a ouvir uma voz muito semelhante à da irmã.

O marido dirigiu-se à estrada e viu que o gigante levava a sua irmã dentro de um saco.

- Ó senhor, onde é que vai com este sol tão abrasador? – pergunta-lhe o Kilambu.
- Hum! Hum! Hum!... – gemeu o gigante, acrescentando: - Vou andando por aí porque vou buscar lenha para acender o lume, depois vou levar o tacho porque tenho uma grande festa.
- Não – retorquiu Kilambu. – Vamos à casa descansar até o tempo arrefecer.
- Tens o comer de que eu gosto? – perguntou-lhe o gigante.
- Tenho, sim senhor – respondeu.
- Tens uma casa onde eu possa dormir?
- Sim, tenho.
- Tens água em quantidade que eu possa beber?
- Tenho, sim senhor.
- Então, vamos.

Kilambu conduziu o gigante até à sua casa. Pediu à esposa que fosse buscar lenha. Pegou no maior tacho que tinha e pô-lo na rua. Acendeu o lume, pôs o tacho e preparou o comer. Depois de tudo pronto, o homem comeu e encheu o estômago de tal ordem que já nem podia andar. Anoteceu e disse ao Kilambu que queria dormir. Este arranjou-lhe um quarto onde podia dormir à vontade.

O gigante disse-lhe:

- Quando eu tiver os olhos bem abertos, e as centopeias, gitas, suássuás, lagartixas, enfim, todos estes bichos, comecem a sair, então estou a dormir. Quando tu me vires com os olhos fechados, estou a dormir. Ouviste?
- Sim, senhor – respondeu Kilambu.

O gigante deitou-se e fez do saco, em que estava a princesa, almofada.

Kilambu também esteve ali todo atento, esperando que o homem adormecesse.

Quando viu sair os tais bichos, Kilambu pediu à esposa que lhe fosse buscar um dos maiores sacos que tinha em casa. Entretanto, foi ao curral e tirou de lá um grande bode. Meteu-o no aludido saco, amarrou-o bem, e, com jeito, levantou a cabeça do gigante, tirou a irmã e em troca pôs o saco em que estava o referido

animal. Depois de tudo isso, pediu à mulher e à irmã que tirassem tudo de casa e levassem para bem longe e ficassem lá à espera dele. Feito isto, espalhou gasolina em toda a casa, lançou fogo à mesma e saiu a correr.

Quando a casa começou a arder, o gigante, ao ser queimado, deu uma explosão tão grande que o palácio do rei estremeceu. O rei, ao ouvir o estrondo, ficou logo desconfiado de que fosse o gigante que havia sido morto e disse à rainha que talvez fosse o Kilambu quem o tivesse morto.

Entretanto, Kilambu, a mulher e a irmã dirigiram-se ao palácio do pai. Chegando ali, aquele pôs o pai ao corrente do que se passara.

O rei, abanando a cabeça, mandou chamar os outros filhos para com eles fazer uma reunião.

Os mesmos apareceram passado algum tempo, e o rei perguntou-lhes se não tinham ouvido o grito da irmã quando era conduzida pelo gigante. Disseram-lhe que sim, mas que não saíram de casa porque as respectivas esposas disseram-lhes que eram talvez as suas amantes...

Então, fez de novo a mesma pergunta ao Kilambu, perante os irmãos. Este disse-lhe que foi a sua mulher quem o tinha chamado, quando ouviu a voz. Por isso saiu logo à estrada onde viu o gigante a levar a irmã...

Finalmente, dirigindo-se aos dois primeiros filhos, disse o rei:

- Mé Pó, tu vais para a terra onde há comida sem água. Jamais entrarás em minha casa.

- Mé Poçon, irás viver para a terra em que haja água mas sem comida. A minha casa há-de tornar-se um veneno para ti.

Voltou-se para o Kilambu e disse-lhe:

- Tu, Kilambu, irás ocupar a metade do meu palácio, mais a tua mulher, onde viverão em paz.

(*Contos tradicionais santomenses*, 1984, pp. 11-20)

As façanhas do Senhor Bêtdô

O senhor Bêtdô tinha fome e não tinha o que comer. Estava tão faminto, que resolveu ir a um bar próximo para algo petiscar. Sentou-se à mesa e pediu um ovo estrelado e um pão que de imediato lhe serviram. Comeu logo a refeição, mas saiu sem pagar a conta. O dono do restaurante chamou-o à razão, mas este recusou-se a pagar a dívida contraída e o proprietário do bar viu-se obrigado a levar o caso à autoridade.

No dia do julgamento, o juiz perguntou ao lesado quanto deveria pagar o devedor. Este respondeu:

- Senhor Juíz, o que ele me deve não é apenas um ovo, porque se não fosse frito, esse ovo daria lugar a mil pintainhos, mil galinhas, mil frangos e mil galos... sem contar a ração, o milho, a água, o transporte, etc, ... é toda esta despesa que nunca mais acaba que eu quero que o senhor Bêtdô me pague agora...

Virando-se para o senhor Bêtdô, o advogado exclamou:

- Senhor Bêtdô, o senhor tem de pagar tudo quanto este senhor acaba de exigir; de contrário, vai condenado a vinte anos de cadeia! E é já agora!!!

O devedor respondeu:

- Eu estou disposto a pagar toda a dívida com o dinheiro da colheita do meu grande campo de plantação de milho... O milho cozido que semeei na semana passada... É muito dinheiro, senhor juíz!

Interrompeu-lhe o juíz:

- Mas o senhor que tenha juízo!... Onde é que já viu o milho a dar rebentos? Vamos lá a pagar o que deve, e ponto final!...

Reagiu, finalmente, o senhor Bêtdô:

- Senhor juíz, se o meu milho cozido não germina, então o ovo frito que ele me vendeu jamais dará origem a um pinto ou a uma galinha!!! Estou certo ou estou errado?!

O juiz absolveu o senhor Bêtôdô e encerrou o julgamento.

(A. P. Leite, comunicação pessoal, 26 de maio de 2024).

A herança do Senhor Milagre

O senhor Milagre vivia miseravelmente. Era o homem mais pobre da freguesia. Contudo, tinha um coração tão generoso, que causava inveja a muita gente. Mas ele não se importava, fazia sempre o bem sem olhar a quem.

O senhor Rejeitado, seu vizinho, vivia numa casa situada num terreno próximo da residência do senhor Milagre. Tinha uma numerosa família de filhos, irmãos, tios, parentes e afilhados, mas a sua vida era solitária, nunca ninguém o visitava ou procurava saber dele, parecia um triste órfão desesperado com a sua sorte.

Apenas o senhor Milagre cuidava dele, como se ele fosse o seu filho ou o parente mais próximo.

A idade ia avançando até que um belo dia o senhor Rejeitado adoeceu gravemente e ficou paralisado. Ninguém da família apareceu para ao menos saber notícias dele ou dar-lhe assistência, apenas o incansável senhor Milagre tratava dele. Por essa razão, permitiu que o senhor Milagre ocupasse parte do seu terreno e assim este passou aí a morar. Infelizmente, o senhor Rejeitado morreu. Nenhum familiar participou no funeral, todos os expedientes fúnebres foram tratados pelo seu vizinho amigo. Logo que souberam do ocorrido, os irmãos do falecido expulsaram o senhor Milagre do terreno e apresentaram uma queixa junto ao tribunal alegando que eles é que eram os herdeiros do infeliz. No dia da sentença, o juiz ordenou a distribuição do terreno pelos herdeiros e o senhor Milagre, que não tinha qualquer advogado que o defendesse, escutava, estático e impotente, a declaração do magistrado.

Depois de lida a sentença pelo juiz, fez-se um silêncio na sala repleta de gente. E dos cantos da sala, saía uma voz misteriosa em forma de espírito que exclamava:

- «Ami me kun dem!». (Eu é que lhe dei [a roça])

Outras vozes misteriosas de imediato respondiam:

- «Losa dê ken dem!» (Ele é que lhe deu a roça).

A fala dos fantasmas invadiu toda a sala e foi-se alternando prolongada e indefinidamente...

Instalou-se um ambiente de medo, terror e pânico. As pessoas, assustadas, abandonaram a sala em correria infernal. Nem o juiz escapou, todos saíram a correr, ninguém duvidava que fosse a alma do falecido e outras almas do outro mundo que se projetavam pela sala dentro...

Assim, nunca mais o senhor Milagre foi importunado por quem quer que fosse... E viveu feliz até aos seus últimos dias, no terreno do seu companheiro Rejeitado.

(M. L. W. Santos, comunicação pessoal, 26 de maio de 2024)